

INSPETORIA SALESIANA DE CAMPO GRANDE



Pe.
Angelo Jaime Venturelli

"Eu sou teu servo, ó Senhor, teu servo e filho de tua serva" (Salmo 15,16)
Lema Sacerdotal

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO

Rua Barão do Rio Branco, 1811

Campo Grande – MS – Brasil



Pe. Ângelo Jayme Venturelli

Na manhã de 19 de maio de 2006, após algumas semanas de internamento na Santa Casa de Campo Grande, por deficiência geral de diversos órgãos, falecia o nosso estimado irmão Pe. ÂNGELO JAYME VENTURELLI. Seu corpo foi velado na capela do Colégio Dom Bosco de Campo Grande. Durante a noite toda houve a presença carinhosa de salesianos e amigos que lhe fizeram companhia antes da partida definitiva após a Santa Missa às 13h30 do dia 20 de maio. Nesse momento figurou a fidelidade de tantas pessoas que na amizade lhe dedicaram tanto carinho e afeição em sinal dos laços que uniram o Pe. Ângelo a tantas pessoas e a tantas famílias dessa sua eterna cidade – Campo Grande. Aqui ele passou sua vida e aqui ele exerceu todas as funções de administrador, cientista, capelão e, principalmente, de sacerdote salesiano. Concorde, todos os que tiveram a oportunidade de estar presente em seus últimos momentos antes do enterro, expressavam o sentimento de que, naquele momento, estavam se despedindo de uma pessoa singular, de um sacerdote zeloso, de um cientista aplicado e de um salesiano extremado em seu amor para com a Congregação Salesiana.

Os momentos de despedida não puderam expressar todo o valor do Pe. Ângelo: suas atividades em prol da educação, da ciência e da cultura para o Mato Grosso. Missionário desde a juventude, traduziu seu apostolado em pesquisa científica, em ações que beneficiaram tantas pessoas e a cultura neste território. Sua vida esteve intimamente associada à pesquisa científica da Antropologia cultural, ao ensino superior no Estado de Mato Grosso do Sul e à atuação da Congregação neste vasto território denominado Mato Grosso.

Introdução

Nesta pequena biografia do nosso irmão Pe. Ângelo Jayme Venturelli, além dos traços que constituíam as características de sua pessoa, pretende-se mostrar também os pormenores de sua atividade de educador salesiano, bem como as principais realizações que marcaram significativamente as diversas etapas de sua vida e sugerir a abrangência das conseqüências de sua presença nos setores em que atuou.

Ao percorrer sua história de vida, os traços marcantes de sua dedicação aparecem com simplicidade e com tal força que talvez o próprio Pe. Ângelo jamais saberia antever os resultados de sua atitude determinante. Foram passos ou etapas pautadas pela vida religiosa e pelo anseio de um verdadeiro salesiano que se ofereceu a Deus no trabalho pelos jovens ou pela cultura do lugar. Nesse sentido, com ele, todos se orgulham por testemunhar, na simplicidade, que sua presença abriu caminhos, que sua persistência mostrou o sentido necessário para que os salesianos soubessem acompanhar a história e pudessem sempre se tornar muito significativos para a educação neste território do Mato Grosso. Pe. Ângelo tornou-se referência obrigatória por suas áreas de atuação: antropologia cultural e ensino universitário. Não se pode negar que sua presença na inspetoria foi marcante e que suas idéias e entusiasmo foram amparados pelos seus mestres, em especial pelo Pe. Ernesto Carletti e por Dom Francisco de Aquino Corrêa.

1 Sua família e sua vocação salesiana

Ângelo Jayme Venturelli nasceu aos vinte e quatro de fevereiro de mil novecentos e dezesseis na gloriosa cidade de San Remo, na Costa Azul da Itália. Seus pais foram o Sr. Ângelo Venturelli e Da. Olímpia Serva. Cedo ficou órfão do pai que falecera na Primeira Grande Guerra. Sendo filho único, desde muito cedo freqüentou a casa salesiana de Valdocco. Mais tarde foi designado para o aspirantado de Ivrea onde cultivou sua vocação à vida religiosa salesiana, especificamente como missionário. Esse particular deve ter servido de patamar de sustentação para suas

decisões futuras quanto a abandonar a pátria, a mãe, a própria cultura e aventurar-se para viver em um país e terras desconhecidos. Nesse tempo, acontecia uma verdadeira floração de vocações missionárias na Europa, mas especialmente com os aspirantados de Ivrea e de Bagnolo, os salesianos missionários italianos se propuseram a seguir os irmãos emigrantes que os antecederam em tantas partes do mundo como na Argentina, Estados Unidos, Austrália e outros países. A imigração de italianos para o Brasil constituiu-se em alternativa ao grande número deles que se destinavam à Argentina; onde a Patagônia tornara-se um lugar consagrado da obra missionária salesiana. No Brasil, o Boletim Salesiano apresentava com viva ênfase a atuação missionária dos primeiros salesianos entre os Bororo como ponto visível da tarefa missionária assumida por Dom Bosco e por seus sucessores.

Este é o horizonte que se apresenta ao jovem Ângelo como forte apelo para que se decida pela vida missionária como fizeram inúmeros de seus colegas de aspirantado. O entusiasmo pela vida missionária em terras longínquas, o fervor da vida no aspirantado e as narrativas de tantos outros irmãos italianos que deixaram a pátria e a família para se dedicarem ao trabalho apostólico em outras plagas, mantinham vivo o ardor apostólico que suscitava uma generosidade que se transformava em disponibilidade para ir para qualquer parte a que os superiores designassem. Bagnolo e Ivrea tiveram, por tantos anos, uma formação direcionada para as missões, e os adolescentes italianos que ali estavam eram sempre animados pelos inúmeros relatos das ações missionárias, pelas visitas de missionários que vez ou outra retornavam para rever os familiares e eram convidados a falar para os aspirantes relatando o ritmo de seus empenhos e trabalhos nas missões. “Pe. Ângelo deveria ir para o noviciado de Vila Moglia, por ser filho único, órfão de pai falecido na Primeira Guerra Mundial; porém recebeu o convite do Pe. Carletti, seu antigo diretor no Primeiro Oratório Festivo de Valdocco, para vir para o Mato Grosso. E veio”(CAdeBrasil, p.45).

2 Sua vocação missionária – o grupo de adolescentes sob o entusiasmo do Pe. Ernesto Carletti

Em 1932, surge um novo inspetor da Inspetoria missionária de Mato Grosso, conhecida principalmente por sua ação missionária entre o povo Bororo, Pe. Ernesto Carletti. Ele constatou a necessidade de salesianos novos para o trabalho na inspetoria e recorrendo aos superiores obteve um grupo de juvenzinhos para iniciar uma nova etapa de presença na inspetoria, a partir do noviciado. Conseguiu um mestre de novícios, um assistente e cinco jovens que terminavam o aspirantado e deveriam partir para o longínquo Mato Grosso; faziam parte dessa expedição outros jovens salesianos estudantes de Filosofia e de teologia, juntamente com dois

coadjutores. O grupo era de várias nacionalidades e uniam-se pela força do ideal comum: ser missionários em Mato Grosso.

Sobre a figura empreendedora, de grande visão apostólica e entusiasmadora pela a causa de Deus, humano e devotado filho de Dom Bosco, Pe. Ângelo escreveu: "A Mato Grosso, acaba de chegar, em 1932, jovem ardente, otimista, o Pe. Ernesto Carletti, como superior provincial. Mal toma pé da situação angustiante e desalentadora, rico de fé, começa a sonhar, a trabalhar, a realizar, esperando, teimosamente, contra toda esperança. A inspetoria terá novamente o seu noviciado, o seu estudantado filosófico e teológico." Mato Grosso – dizia ele – vai levantar!" Homem admirável o Pe. Carletti. À medida que os anos passam e se sucedem os homens, sua figura se agiganta mais e mais!....(..)

Grande homem e grande salesiano o Pe. Carletti! Impetuoso e ardente, com um largo sorriso e um cordial abraço fazia esquecer seus repentes e suas intemperanças verbais. Acima de tudo, perdoava sempre, compreendia a todos, e em todos punha um enorme crédito de confiança. Sacerdotes desiludidos, incompreendidos reencontraram a alegria da vida consagrada e a estrada da fidelidade à Igreja e a Dom Bosco, no coração do Pe. Carletti! – E Pe. Ângelo conclui – 'E com ele, Mato Grosso "levantou" de fato!' (VENTURELLI, Ângelo Jayme. *Cinquenta anos de Brasil*. p.11-13.)

Esse foi o perfil traçado pelo Pe. Ângelo de seu grande amigo e pai, o Pe. Ernesto Carletti. As afirmações não constituem uma aporia de seu grande admirador, Pe. Ângelo; os salesianos que o conheceram afirmam e testemunham sobejamente todos esses traços muito marcantes que fizeram do Pe. Ernesto Carletti o refundador da inspetoria de Mato Grosso.

Esses jovens, ao lado dos outros salesianos que para a inspetoria se dirigiam como missionários, vinham animados e impulsionados pelo grande entusiasmo que o Pe. Carletti transmitira a todos antes de aqui aportarem. O entusiasmo pela vida nova e completamente desconhecida tinha como fundamento os testemunhos da inspiração de Dom Bosco através dos sonhos missionários que eram divulgados nos aspirantados, pelo ardor apostólico de levar a Palavra de Deus a tantas pessoas necessitadas e pelo entusiasmo tipicamente salesiano do Pe. Carletti. Fundamentos que os sustentaram sempre diante de todas as dificuldades que iriam encontrar e fizeram deles portadores de uma vida alegre e saudável como convinha aos filhos de Dom Bosco.

Mas, uma vez decidida a sua vocação missionária, era necessário viajar para o seu novo destino, Mato Grosso, Brasil, em companhia de outros jovens que, como ele, optaram ser missionários e consagrar as suas vidas em prol de um povo de cultura e língua muito diferentes dos padrões europeus a que estavam habituados.

3 Viagem para o Brasil

No opúsculo “CINQUENTA ANOS DE BRASIL”, Pe. Ângelo descreve todo o roteiro de sua viagem – de Gênova a Cuiabá -, juntamente com os outros missionários salesianos daquela expedição de 1933 que chegaram a seu destino em janeiro de 1934. É um relato permeado de acontecimentos muito hilares devido ao contato com uma nova cultura e nova língua que não conhecia, ao mesmo tempo é uma recorrente lembrança de um adolescente que, ao deixar a sua terra, sente saudade e está vivamente emocionado pelas inúmeras novidades e surpresas vivenciadas nesse longo trajeto. Assim o Pe. Ângelo vai narrando sua odisséia ao lado de seus colegas também adolescentes:

De Gênova ao Rio de Janeiro – “Fato digno de nota: no porto, de Gênova, despedindo-se de seus missionários que embarcavam no mesmo navio, rumo ao Brasil, estava o Pe. Orione, hoje declarado santo. Beijamos-lhe a mão, pois grande era a sua fama de santidade... Em 9 de novembro de 1933, zarpávamos de Gênova a bordo do transatlântico Augustus, da marinha mercantil italiana, rumo ao Brasil. Viajávamos na segunda classe especial, quase primeira, com as mordomias a ela inerentes: amplos e luxuosos salões de estar, sala de música, piscina e cinema (estes dois a nós interditados...), áreas de lazer nas pontes, restaurante com vinhos e iguarias à la carte. No molhe que se afastava pessoas caras acenavam com lenços, numa última despedida. Estavam lá minha mãe, que nunca mais tornaria a ver, com minhas tias; Pe. Aristides Manfrino com a senhora sua mãe, diretor do Primeiro Oratório Festivo de Valdocco, que me encaminhara ao aspirantado Card. Cagliero de Ivéia; o caodjutor Aprili, encarregado de embarcar as levas de missionários; outras pessoas cujos nomes e fisionomias apagaram-se de minha memória.... O relato fala ainda dos momentos de descontração da viagem, das aulas de português ministradas pelo Pe. Blandino cujo texto era o Boletim Português, editado então na casa capitular de Turim. Ninguém entendia nada: nem o professor, nem os alunos.

Rio de Janeiro – São Paulo

Ao receber-nos, no porto do Rio, em 21 de novembro de 1933, estavam os padres Carletti, que não cabia em si de alegria; Teodoro Kolczcki secretário de Dom Aquino e Paulo Consolini, que fora diretor em Campo Grande. Foi demorada a revisão das bagagens: havia malas, baús, caixas, caixotes e caixões para instalar o noviçado. Finalmente, pela tardinha, chegamos ao Colégio de Santa Rosa de Niterói, recebidos com fidalga cordialidade por aqueles salesianos, tendo à testa o simpático Pe. Emílio Miotti, figura ímpar de educador salesiano. Lá estava também, velhinho, quase diáfano, sorridente, o Pe. José Solari, que fora o artista das imagens que até hoje ornar a fachada da igreja de São Gonçalo, em Cuiabá. Clérigo ainda,

viera com os primeiros salesianos a Cuiabá, no longínquo ano de 1895. E o velho teatro ostentou por muitos anos os cenários por ele pintados, autênticas obras de arte, reproduzindo matas, jardins, palácios e salões com perspectiva tão perfeita que dava a impressão de uma real seqüência de colunas em estilo mourisco. Lá permanecemos uns belos e bons dias, visitamos o Corcovado, o Núncio Apostólico e, na Casa de Saúde de São José, o arcebispo Dom Aquino que convalescia de uma cirurgia... Foram belos dias aqueles!... e nestes passeios e visitas aconteceram umas boas nesta cidade do Rio...Deixamos o Rio e fomos para São Paulo.

São Paulo

O Liceu Coração de Jesus era, então, o maior estabelecimento de ensino do Brasil. Salesianos em grande número, um numeroso e procuradíssimo externato, além do internato ao qual acorriam alunos de todos os recantos do Brasil. Chegou a ter 800 internos! Fomos recebidos pelo diretor, o boníssimo e amável Pe. José dos Santos e pelos salesianos. Pe. Mário Forgione era o gigantesco conselheiro do internato; Pe. Fausto Santa Catarina era clérigo assistente e outros... Fomos tratados com tanta amabilidade e cercados de tanto carinho que os espinhos da saudade se embotaram e não pungiram mais. Aliás, o Liceu abriga uma longa tradição de nobre e generosa hospitalidade que muito honra os salesianos de São Paulo.

Na chácara “Chora Menino” funcionava o Instituto Teológico Pio XI. O diretor, Pe. Hermenegildo Carrá, que fora inspetor de Mato Grosso, nos acolheu com festas e ofereceu um luto banquete. Lá estavam os teólogos de Mato Grosso: João Hadzinsky, Bruno Mariano, Ludovico Waloszck e lá ficou o nosso companheiro de viagem, Maurício Laport. Conselheiro escolar dos teólogos era o Pe. Orlando Chaves o qual viria a ser arcebispo de Cuiabá. Entre os teólogos do primeiro ano, estava Antônio Barbosa, atual arcebispo de Campo Grande.

A longa viagem demandando Cuiabá

Em outubro de 1933, na Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, Dom Aquino, a convite do governo pronunciara formosa oração por ocasião do “Te Deum”, em ação de graças pela visita do presidente da Argentina ao Brasil. O discurso causara admirável impacto na opinião pública e, particularmente, no presidente Getúlio Vargas. Data dessa ocasião a simpatia e admiração que o presidente devotava a Dom Aquino.

Getúlio Vargas perguntou-lhe o que desejava como recompensa da magnífica peça oratória. E o arcebispo, que estava com a alma repleta de alegria ao receber no velho e deserto Seminário da Conceição a primeira turma de noviços, pediu que fosse custeada pela União a mesma viagem que haviam feito os primei-

ros missionários vindos a Cuiabá no longínquo 1894. E assim, com o padre inspetor, a turma de noviços foi costeando o Brasil meridional no “Santos”, navio de cabotagem, e chegou a Montevideú.

Montevideú – Rosário – Assunção

Fomos regimento hospedados no Colégio “Luís Lasagna” em Villa Colón, ocupando o pavilhão da Casa de Retiro dos salesianos. O monumento a Mons. Lasagna, o templo gótico dedicado a Maria Auxiliadora, a amabilidade dos irmãos, a vida salesiana estuando em várias obras florescentes na capital, nos deixaram atônitos.

Em Manga, escola agrícola, aspirantado e noviciado, passamos um dia inesquecível. Os salesianos viviam ainda os exemplos e a vida do Pe. Gamba, patriarca e pai, que marcara profundamente as pessoas e as obras de Dom Bosco. A cordialidade dos salesianos e sua alegria, aliadas a um extraordinário dinamismo, quer no Brasil, quer no Uruguai, nos impressionaram sobremaneira. Foi aqui que saboreamos o primeiro chimarrão.

Iniciamos a Novena do Natal em Montevideú e a continuamos no navio que, sulcando as águas do Prata, nos levou a Rosário, onde pernoitamos na casa salesiana, e a Assunção no Paraguai. O colégio, pobre, mas simpático, hospedou-nos carinhosamente.... Era o tempo da guerra do Chaco Paraguaio. A capital não tinha homens nem rapazes: todos estavam na guerra. Os serviços urbanos eram desempenhados por mulheres. A pobreza, o calor, a falta de homens, o colégio transformado em hospital de sangue nos impressionaram. Seguimos viagem pelo rio Paraguai rumo a Porto Murtinho.

Natal a bordo

Cantar os cantos natalinos em pleno mês de dezembro, no rio Paraguai, com um calor sufocante e ondas intermináveis de mosquitos, era mui pouco poético. Pe. Blandino quase se esvaiu, vítima de feroz desidratação. Nós, com pesadas batinas pretas, colarinho impermeável apertando o pescoço, roupas grossas, suávamos e afastávamos desesperadamente os perninhos, atraídos e fascinados pelo jovem sangue europeu.

Numa salinha do navio, à meia noite, Pe. Carletti rezou a missa do Natal. Apertados ao redor do altar, nós e a tripulação assistíamos à Missa do Galo, nas águas barrentas do Paraguai, cantando, sem nenhuma convicção: “Al freddo e al gelo...” Era Natal, o primeiro Natal longe da Pátria e dos parentes. Mas em tudo havia poesia, também no suor, nas muriçocas ferozes, na saudade que marejava os olhos perdidos em contemplar as águas turvas e impetuosas do rio Paraguai...

Continuávamos a viagem, chegando, no dia 31 de dezembro a Porto Murtinho. Lá o Pe. Blandino, pela primeira vez na vida batizou uma criança. Naqueles tempos a passagem do sacerdote era uma coisa raríssima. Finalmente, aos 5 de janeiro, ei-nos em Corumbá. Despedimo-nos do comandante e da tripulação do navio “Argentina” e fomos recebidos pelo Pe. Francisco Czapla, diretor do Colégio de Santa Teresa.

O colégio apresentava-se bem. Era o mais bonito e florescente da inspetoria. No mesmo dia da chegada houve o retiro da Boa Morte e o bispo Dom Vicente Priante, que morava com os salesianos, fez a conferência. Quem nos levou a visitar a cidade foi o Félix Zavattaro o qual estava terminando os seus anos de tirocinio.

Sobre esse primeiro encontro com o então clérigo tirocinante, Félix Zavattaro, Pe. Ângelo escreveu: “vinte e seis dias de viagem marítima e fluvial foram amplamente recompensados no dia 5 de janeiro de 1934, pelo providencial encontro com o clérigo Félix Zavattaro, na cidade de Corumbá. Comedido e gentil, nos acompanhou numa rápida visita à Princesa do Paraguai. Pouca coisa havia para ver: o hidroavião da Condor, de seis lugares, a Matriz, o rio Paraguai e o Colégio Santa Teresa, carinhosamente dirigido pelo inolvidável Pe. Czapla.

Cheios de entusiasmo, de calor e de ilusões – qual é o adolescente que não as tem? – ansiávamos para chegar a Cuiabá a fim de, nós cinco, iniciarmos o noviciado no dia 29 de janeiro. Não tivemos a oportunidade e, sobretudo, a visão para aquilatar os conjuntos de imensos valores do clérigo Zavattaro. Só agora, ao nos deixar, o Pe. Félix recebe a estima que sempre mereceu e que, talvez, lhe tenhamos negado durante sua longa existência de salesiano”(Pe.Ângelo-artigo escrito pela morte do Pe. Félix, 1994?).

A missa do dia 6 de janeiro, então dia santo, na antiga capela do colégio, foi festiva. Pe. Sobel celebrando, Pe. Czapla tocando o pistão e Pe. Audísio, ao harmônio saturando o “templo” com sua estentórea voz de baixo. Na tarde do dia 6 deixamos Corumbá e, no navio Taquari demandamos Cuiabá. Conosco viajavam os padres Czapla, Sobel e Noronha, este diretor eleito de Cuiabá. No dia 15 de janeiro teria início o capítulo inspetorial no Liceu São Gonçalo, casa inspetorial.

Chegada a Cuiabá

Madrugada de 15 de janeiro de 1934. Estávamos chegando a Cuiabá, ao porto de Cuiabá. Havíamos passado as usinas de açúcar e a lancha soltava triunfante seus longos apitos que ecoavam nas margens do rio, com a galharia das árvores vergando ao peso de passerada canora, de bandos de macacos e as praias coalhadas de jacarés. A noite oferecia um espetáculo deslumbrante ao via-

jante: a luz do luar e dos faróis da lancha iluminavam os olhos fosforescentes da multidão de jacarés que, deitados na praia do rio, assistiam imóveis à passagem da “Taquari”, ladeada por duas chatas. Eram centenas e centenas de olhos cintilantes que transformavam o silêncio misterioso da noite numa festa originalíssima de luzes sem fim...

Na radiosa manhã de 14 de janeiro, domingo, o porto estava repleto de gente. Os salesianos, o povo, os curiosos, e curiosas que desejavam ver a turma de italianos que chegava para reabrir o seminário. Descemos da Taquari e nos dirigimos a pé ao colégio sob os olhares indiscretos e admirados de jovens e velhos...

O Liceu São Gonçalo nos acolheu com imensa cordialidade e pobreza. Funcionava o internato para aprendizes necessitados e um florescente oratório festivo. Pobres as instalações, paupérrima a mesa, bem equipadas as oficinas funcionando em barracões humildes. Entretanto os trabalhos de marcenaria, sapataria, tipografia, encadernação eram por todos apreciados. De vez em quando o Liceu fazia uma bela exposição que atraía sobre os salesianos e os jovens alunos a admiração e a simpatia das autoridades e da população. Mas o Liceu era mesmo pobre e estava passando por uma fase difícil...

A primeira refeição matutina consistiu em chá mate, pão e bananas embalados pela alegria comovida dos salesianos que, nos recém chegados, entreviam o luzir de nova esperança e de nova vida. No santuário, inacabado, houve a exposição do Santíssimo com a bênção. Depois fomos ao seminário. No Liceu ficaram o Mestre Blombed, que seria o fiel, inteligente e dedicado auxiliar do Pe. Remetter no Observatório Meteorológico e Henrique Pratulon, mestre em marcenaria, no lugar do velho Mestre Visetti, emérito marceneiro e mestre de banda, o qual iria visitar os parentes na Itália.

No velho seminário nos aguardava o Pe. Luís Sutera, vigário geral e da catedral. Seria o nosso diretor. Mestre Francisco Arese, sorridente e meigo, fâmulos do arcebispo, seria o provedor do noviciado. Já havia dois noviços nos aguardando: o Pe. Osvaldo Sérgio Lobo, do clero de Goiás, jovem de muitas letras e edificante pela sua humilde observância, e o Fernando Lippert Van Oeteghen, vindo anos antes da Bêlgica, trazido por Mons. Couturon.

À noite, voltamos ao Liceu onde, em nossa honra, houve uma representação teatral. O prefeito da capital, Dr. João Ponce de Arruda, e outras autoridades lá estavam. Todos queriam ver os jovens clérigos chegados da Itália. O salão, com piso de tijolos, paredes de barro, cadeiras de ferro do tempo dos bandeirantes, estava abarrotado de pessoas. E nós, cansados da viagem, sem entender o

português, ferramos num sono solto, enquanto os artistas se esmeravam no palco. Quando Deus quis, terminou o espetáculo e nós voltamos ao seminário.

O Seminário da Conceição

O Seminário da Conceição, iniciado por Dom José Antônio dos Reis, primeiro bispo de Cuiabá em 1831, foi concluído por Dom Carlos Luís d'Amour no ano de 1882. Mais de meio século depois. Naqueles tempos era o melhor estabelecimento de ensino e nele tiveram sua formação humanística as maiores e melhores personalidades do Estado. Nele se formaram umas duas dezenas de sacerdotes do clero diocesano. Mas com a Guerra do Paraguai e a peste da bexiga que matou, em 1869 e 1870, quase a metade da população, começou o seu declínio... O seminário esvaziou-se e os padres foram desaparecendo...

Em 1881 e em 1883 Dom Carlos pediu a Dom Bosco que enviasse salesianos para a direção do seminário. Não sendo atendido, Dom Carlos recorreu aos Lazaristas e depois aos Franciscanos da Terceira Ordem de Albi.... De 1907 até 1934 permaneceu fechado como casa de formação. Era, pois, compreensível o júbilo do arcebispo e do povo católico ao ver reaberto o Seminário da Conceição. Esperanças de melhores dias iluminavam o futuro da arquidiocese.

O noviciado

Não eram lá tão más as instalações do nosso noviciado. O dormitório, no andar superior, com piso de tábuas, pé direito de quase seis metros, cobertura de telha-vã e enormes janelas de madeira maciça, era amplo e arejado. Não tínhamos camas; usávamos catres, de lona, sem colchão. Nos poucos dias de frio, às vezes intenso, forrávamos o catre com papel de jornal.

Hóspedes do nosso dormitório eram os morcegos. Durante o dia dormiam dependurados no madeiramento do telhado, ao abrigo da luz e do barulho. Infelizmente deixavam nossos catres alcatifados de numerosos presentes, vindos do alto. O remédio era cobri-los com o providencial papel de jornal todas as manhãs. Ao anoitecer, uma revoada imensa saía do dormitório e os quirópteros cediam-nos o lugar.

Instalações higiênicas não existiam dentro do prédio, nem no andar térreo, nem no superior. Devíamos descer, atravessar o pátio e demandar cubículos pré-históricos, sem luz e sem água. No meio do jardim, por nós muito bem cuidado, havia um algebe e cada um enchia sua lata de água para o banho e asseio.

A alimentação era pobre, paupérrima, e, com o clima tropical ao qual não estávamos acostumados, levando uma vida mais que espartana, nossas reservas

de adolescentes iam minguando a olhos vistos e emagrecíamos assustadoramente... mas havia um anjo da guarda, a diretora da Santa Casa, Ir. Regina Ársego. Uma ou duas vezes por semana ela vinha oferecer conosco a missa na igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho. Reparava os nossos rostos pálidos e macilentos e enviava remédios, fortificantes, manteiga e frutas... Foi ela a nossa mãe, discreta, silenciosa, atenta e dedicada.

Apesar de enfraquecidos, limpávamos diariamente todo o vasto casarão, a igreja, que então tinha piso de tijolos. O jardim fora dividido em canteiros e cada um cuidava do seu. Após o almoço tirávamos o colarinho de celulóide que nos martirizava o pescoço e fazíamos animadas partidas de vôlei ou de bochas. Às quintas feiras, de chapéu preto, íamos dar nossos passeios pelo sertão e, uma vez por mês, nos dirigíamos ao Coxipó para tomar banho de rio, então de águas cristalinas, cercado de viridentes matas. Íamos e voltávamos a pé e chegávamos para a visita ao Santíssimo Sacramento, que era feita tradicionalmente antes do almoço. Mas era uma visita custosa para nós, suados, esfalfados pela longa caminhada e de estômago vazio. Havia aulas de piano e alguns se tornaram verdadeiros mestres; as festas tradicionais eram celebradas com entusiasmo: havia sessões acadêmicas e representações teatrais. Éramos sete noviços, todos ocupados no palco... a platéia eram o arcebispo Dom Aquino, o vigário geral Pe. Teodoro e o Mestre Francisco. E o nosso entusiasmo, nossa animação eram tão grandes como se perante imenso auditório estivéramos...

Chegando adolescentes para o Mato Grosso, assimilamos facilmente língua e costumes e fácil nos foi amar a terra, sua gente e a ela dedicar nossa vida.

Os que nos acompanharam... e já se foram

A bondade paciente e humilde do Pe. Mário Blandino nos acompanhava sempre. Discreto, piedoso, era o mestre de noviços, no estilo antigo, que dava à casa uma atmosfera de serena paz. Pe. Luís Sutura, que fora inspetor no Oriente e em Portugal, era vigário geral da catedral e nosso diretor. Pouco o víamos, mas era exemplo acabado de salesianidade, de cura de almas. Mestre Francisco era a bondade feita gente, sempre solícito e sorridente. Nunca parava e sua vida era servir, com delicada alegria, todos e sempre.

Mas a alma do velho casarão e do noviciado era o arcebispo Dom Aquino. Sua piedade e sua amabilidade iluminavam e enriqueciam o velho seminário. Seu maior prazer era estar conosco, brincando, conversando, ensinando, edificando. Voavam as horas em sua companhia e ele, ao tocar do sino, cortava a palavra pelo meio e se retirava. Em tudo e sempre era o mais observante dos noviços. Boas

noites, conferências, sermões, eram por nós ansiosamente aguardados. Sua simplicidade e sua nobreza, sua cultura e sua piedade, sua bondade paciente e inalterável nos traziam, viva e palpitante, a figura de S. Francisco de Sales.

Pe. Carletti, ao chegar das longas viagens pela inspetoria e pelas missões, vinha imediatamente ver-nos. Era uma festa, sua tão esperada visita! Nuvens e problemas dissipavam-se como a neve ao sol. Levava-nos ao salão do arcebispado e lá, na maior familiaridade, cantávamos, brincávamos e ouvíamos as notícias da inspetoria da qual éramos os caçulas. Mestre Francisco distribuía um cálice de vinho de missa importado de Canelli, com o qual comemorávamos a chegada do padre inspetor. Morreu de derrame cerebral, longe de sua amada inspetoria, de seus salesianos que estremecia. Creio que o bom Pe. Carletti não resistiu às saudações de Mato Grosso e o seu grande coração parou de bater. Sua lembrança, porém, acompanha, dia a dia, nossa caminhada de meio século, com ele iniciada!"(CAB, p.41) E conclui o Pe. Ângelo: "Até aqui o incomparável Pe. Cometti. Poder-se-ia perguntar por que e para que esta publicação. Porque com a vinda dos noviços e salesianos em 1933, a inspetoria "há dato uma svolta", e deu uma guinada, no dizer do Pe. Carletti, da esteira que fatalmente levaria a inspetoria à inanição e a uma lenta e irreversível agonia. Não é merecimento nosso: "Non nobis, Domine, non nobis. Sed nomini tuo da gloriam." Fomos apenas simples e limitados instrumentos da clarividência de nossos superiores e da infinita bondade de Deus. Ao contemplarmos a vitalidade de nossa inspetoria, suas inúmeras e gigantescas obras, os irmãos empenhados em levar adiante a plantinha que semeamos, ora esgalhada em ubérrimos ramos, os da terceira idade agradecemos ao Pai a missão que nos reservou e o carinho com que nossos sucessores nos afagam, servos inúteis que somos... a repeti-lo – ao passado –, as gerações novas não se esqueçam das linhas mestras de nosso sistema educativo, da "amorevolezza" para com todos, ricos e pobres, adolescentes e adultos, da assistência cordial, amiga. Dessa "amorevolezza", sinal inconfundível de Dom Bosco, nosso fundador e pai"(CAB, p.43).

Esse texto, escrito tanto pelo Pe. Cometti e pelo próprio Pe. Ângelo, indica muito bem o espírito que animou a eles, noviços e salesianos na inspetoria de 1933 em diante, ao inspetor que, podendo contar com salesianos novos, expandiu as fronteiras da inspetoria e fundou novas obras.

4 Noviciado e demais etapas de formação

Como foi descrito anteriormente, o noviciado reinaugurado no casarão do Seminário da Conceição ao lado do Sr. Arcebispo transcorreu muito animado e possibilitou novos horizontes para o inspetor.

Ao final do noviciado, Pe. Ângelo fez sua primeira profissão religiosa na Congregação Salesiana, no dia 29 de janeiro de 1935.

Pe. Mário Blandino, o mestre, prosseguiu com sua atividade por vários anos, até que o noviciado da inspetoria, na década seguinte, foi transferido para Campo Grande, Lagoa da Cruz, por iniciativa do Pe. Carletti que para lá também transferira a sede inspetorial em 1937.

Porém, os dois anos de estudos filosóficos – 1933-1936 –, Pe. Ângelo com seus colegas, cursou-os em Cuiabá, no mesmo prédio em que fez o seu noviciado. Os formandos conviviam, mas em atividades e estudos muito diversos. Noviços tinham seu ritmo de atividades e os estudantes de Filosofia dedicavam-se aos livros e manuais da Escolástica, verdadeiro caminho da filosofia perene. Também nessa fase não faltaram as visitas do Pe. Carletti para animá-los com as novidades trazidas das casas.

5 Tirocínio e os estudos de Teologia

A etapa seguinte de seu período de formação, o tirocínio, aconteceu durante os quatro anos regulares da época, pois hoje se reduz o tempo desta etapa a dois anos.

Com sua turma inicia-se então um novo período de trabalho na inspetoria, os tirocinantes representavam um reforço nas casas.

A parte mais significativa de seu tirocínio foi no Ginásio Anchieta de Silvânia-Goiás; nesse tempo era o único colégio a oferecer a graduação de “Bacharel” para quem cumprisse os cinco anos após o primário. A partir desse título podia-se candidatar a uma vaga nas pouquíssimas universidades existentes. Basta lembrar que a USP (1932), tinha sido fundada recentemente com o auxílio de professores da França; outras instituições de ensino superior existiam somente no Rio de Janeiro, Salvador e Recife. O Ginásio Anchieta era a única instituição de ensino a oferecer esse título de “Bacharel” em todo o estado de Goiás. O internato predominava; os internos provinham das famílias mais abastadas das pequenas cidades das cercanias mais próximas ou das fazendas. Existiam os grupos de famílias que predominavam, como os “Caiados”, os “Curados” os “Ludovicos”. Pe. Ângelo se habilitou para as disciplinas exatas, Matemática, Física e Química, que exigiam professores preparados ad hoc. Para essa área, teve o grande auxílio da compreensão do arcebispo de Goiânia que importou um laboratório exemplar para essas disciplinas, sendo este instalado no Ginásio Anchieta sob sua orientação. Desde esse tempo manifestara-se a sua aptidão para os estudos, tornando-se muito estimado e respeitado pelos alunos.

Nessa atividade de assistente e professor de Matemática, Física e Desenho permaneceu no Ginásio Anchieta por três anos, de 1937-1938. Em 1939 foi transferido para o Colégio Santa Teresa de Corumbá onde foi também professor de Física e Matemática. Segundo testemunho de seu colega de turma, Pe. Pedro Cometti, na segunda metade do terceiro ano de tirocínio foi surpreendido com uma ordem do Pe. Inspetor que o convidava a preparar-se para os exames vestibulares na Universidade Gregoriana, onde cursaria Teologia. Com o início da Segunda Guerra Mundial, não só teve que renunciar à Gregoriana, mas fez um quarto ano de tirocínio devido a um “esperto” pedido do seu inspetor.

Segundo o testemunho do Pe. Mário Panziera, “como prêmio, o Pe. Carletti lhe concedeu um ano de descanso em Ponta Porã, em 1940. Onde, no Colégio São José, foi assistente e professor primário tendo como diretor e Pároco o Pe. Caetano Patané”.

Após o quarto ano de tirocínio, no dia 03 de janeiro de 1941, fez sua profissão perpétua e dirigiu-se para São Paulo, para o Instituto Teológico Pio XI, para os estudos de teologia.

Ao final de quatro anos – todos eles marcados pela guerra na Europa – em 08 de dezembro de 1944, foi ordenado sacerdote por Dom Carlos Carmelo Vasconcellos Motta.

Segundo testemunha o Pe. Mário Panziera, “Lembrando sua ordenação, disse-me comovido, que lembrava da própria mãe, e já na primeira missa colocara a intenção por ela, caso tivesse já falecido”. Sobre o falecimento da mãe do Pe. Ângelo, continua o Pe. Mário Panziera: “Em 1945, sendo o Pe. Ângelo conselheiro no Colégio Dom Bosco de Campo Grande, seu primeiro ano de sacerdócio, sendo diretor o Pe. Bruno Mariano, no mês de maio, estando de passagem para Cuiabá o Pe. João Batista Resende Costa, diretor da Lapa, telegrafou ao Pe. Carletti para encontrá-lo no aeroporto. Pe. Carletti levou consigo o Pe. Ângelo como secretário... após os cumprimentos, afastando-se um pouco do Pe. Ângelo, o Pe. Resende Costa deu a notícia do falecimento da mãe do Pe. Ângelo... Tão somente no dia seguinte, com muito pesar é que o Pe. Carletti repassou a notícia ao Pe. Ângelo.

Retornou para a inspetoria e iniciou seu tempo de trabalho nos colégios, numa época marcada pela expansão das atividades nos colégios de Lins, Tupã, Lucélia, de Ponta Porã e, mais tarde, de Araçatuba.

6 Os ideais salesianos que se concretizavam sob a inspiração do Pe. Inspetor, Pe. Ernesto Carletti

Os acontecimentos sócio-políticos da Europa, nesse tempo, tiveram muita repercussão também na Congregação; na Europa os ditadores ou governos que inspiravam num poder supremo dominaram as nações européias. Os nazistas, liderados pelo super ditador Adolf Hitler, comandavam as aspirações de superioridade e hegemonia na Alemanha, surgia Mussolini na Itália e Franco na Espanha, sem falar no famigerado Stalin da Rússia. Assim os exercícios do poder espelharam esse mapa sócio-político e não foi diferente na Congregação. Dom Pietro Ricaldone, com força, quis imprimir uma marca de governo em que os salesianos revelassem uma configuração de religiosos organizados e muito competentes.

Uma aura de grandiosidade e de eficácia perpassou pelos salesianos a partir do comando geral, bem como a vida religiosa tornou-se exemplar. Ao lado dessa perspectiva surgiu uma convicção de credibilidade pelo crescimento e organização dos salesianos em todas as partes do mundo com o aumento de sua presença nos países em que já estavam desde os tempos de Dom Bosco. Para isso, além da crença na eficácia da presença salesiana, favoreceram outras circunstâncias advindas da Europa pós-guerra. Uma delas foi a organização de casas de formação para os futuros missionários para a América ou para outras partes do mundo. Pe. Ângelo e o governo do Pe. Carletti foram de alguma forma espelho dessa nova mentalidade que impulsionou, sob a direção de Dom Ricaldone, as várias atividades missionárias que aconteceram nestas duas décadas, de 1935-1945.

Como a Inspetoria de Mato Grosso representara uma fonte de inspiração para o trabalho missionário nas três primeiras décadas do século XX, a decadência do trabalho missionário preocupava a todos da direção da Congregação e assim veio para cá o dinâmico Pe. Carletti e com ele o grupo de novos salesianos que refundaram a atividade da Inspetoria. A representatividade do trabalho missionário aqui na Inspetoria era um dos assuntos de realce das edições até a década de 1920 do Boletim Salesiano.

O enfraquecimento e a mudança de foco dos missionários preocuparam muito ao Pe. Carletti que sempre procurou, de uma forma ou de outra revitalizar a atividade missionária e estabelecer outros padrões para a atividade nos colégios que tornassem os salesianos mais representativos e mais esperançosos em relação ao futuro. Trazer os missionários da Europa foi o caminho mais curto que ele encontrou, pois a atividade de formação da inspetoria que se mostrara promissora, no início desconectara-se da realidade e estava completamente desativada.

Dessa forma o entusiasmo e as metas de Dom Pietro Ricaldone, Reitor-Mor, tendo em vista a organização e a revitalização do carisma salesiano, estavam presentes no coração esperançoso e vibrante do Pe. Carletti. Ele conseguia, diante da chegada de novos salesianos da Europa, transmitir entusiasmo e postura de muito trabalho para a educação, sob o carisma salesiano, dos jovens dessa parte do interior do Brasil. Todos chegavam com muita determinação para construir, para educar e, animados pela generosidade e ânimo do Inspetor, serem muito significativos e grandiosos em um território necessitado como era o Mato Grosso de então.

Pe. Ângelo e seus companheiros deixaram-se animar por esses ideais e impelidos pelo ânimo juvenil, pela vontade de trabalhar e edificar, descortinaram, sob a chefia do Pe. Carletti, grandes horizontes.

Dessa forma é que se compreende a excelência educativa que conseguiram na década de trinta no Ginásio Anchieta de Silvânia, interior de Goiás. Encontraram na capacidade de estudo dos novos salesianos e na presença de pessoas como Dom Emanuel e do Pe. Lobo amparo para as metas:

6.1 Formar bacharéis

Inimaginável a presença dos professores salesianos no interior de Goiás oferecendo estudo de excelência com titulação máxima para a época: Bacharelado. Pode-se afirmar que esse empreendimento marcou a geração de salesianos de tal forma que levou o Pe. Carletti a pensar alto e a expandir a atividade educativa também para outras regiões que se mostravam propícias para essa atividade. De modo especial, o internato foi a matriz da escola salesiana da época. A vida no internato pautando-se pelos costumes e modalidades educativas conforme o espírito salesiano, provocou uma confiabilidade em que se pôde pensar mais alto.

Assim pensou-se a expansão da atividade dos colégios para a década seguinte, 1940, para o interior do Estado de S. Paulo onde acontecia uma verdadeira "Marcha para o Oeste", sob a avassaladora cultura dos cafezais que há muito saíra do Vale do Paraíba para ganhar novas fronteiras além Bauru. A inspetoria adquiriu novo território e construiu casas em Lins(1942), Tupã(1944), Lucélia (1948) e Araçatuba (1949).

6.2 Tendo em vista o Museu Dom Bosco e o ensino universitário

Com a fundação da nova capital do Estado de Goiás, Goiânia (1937-1938), em 1941 os salesianos, animados pelos pioneiros da nova capital, pela afluência de uma nova população, fundaram o Ateneu Dom Bosco para atender a educação dos

jovens goianos que afluíam para a novíssima cidade. Nos moldes do Ginásio Anchieta de Silvânia, o Ateneu tinha alunos internos e externos. Iniciou com entusiasmo uma história que se prometia gloriosa e os salesianos se entusiasmavam pela nova presença sob a direção de seu querido diretor, Pe. João Pian e mais tarde do competente Pe. Félix Zavataro.

Nessa década, sendo diretor em Silvânia, Pe. Félix, idéias novas apareceram e encontraram em alguns salesianos a guarida de que necessitavam para se tornar em horizontes possíveis. Pe. Félix pensava alto e, na direção do Ateneu, cogitara ressuscitar os ideais dos antigos missionários ainda vivos, Pe. Colbacchini e Pe. César Albisetti, e mais anteriormente, dos Pe. João Bálzola e Pe. Pessina, refundar o Museu Indígena em terras goianas. Pois, a primeira experiência de Museu Indígena existira até 1927 sediado na casa do Coxipó da Ponte – presença inicial que abrigou o posto avançado de preparação de material e tropa para transportar o material necessário e mercadorias vindas de diversos lugares para Cuiabá, mas destinadas para as missões. O Coxipó era o lugar que servia de entreposto para esse transporte. Aí também esteve presente o primeiro noviciado da Inspeção. Para entender essa época basta somente ler o excelente livro de Dom Aquino Corrêa: "Uma Flor do Clero Cuiabano!" As peças desse incipiente museu etnológico foram levadas para a exposição missionária no Vaticano em 1925, no Ano Santo proclamado por Pio XI, e por lá ficaram; simplesmente a inspeção deixou de ter o seu museu missionário.

Pe. Félix retoma essa idéia e inicia um museu nesse novo colégio, o Ateneu. A questão indígena também está presente por lá. Os Carajás da Ilha do Bananal, os Javaés, faziam-se presentes na cidade de Goiânia devido ao grande interesse das pescarias e caçadas tão comuns naquela época. Vinham de caminhão e permaneciam na cidade por algum tempo. Mas a memória da inspeção estava voltada para os Bororo em especial onde o Pe. César já iniciava seus estudos e o Pe. Colbacchini publicava o livro "I Bororo Orientali" em sua língua materna.

Nesse tempo o Pe. Félix então iniciou o Museu Dom Bosco, no Ateneu de Goiânia, que se desenvolveu de forma surpreendente até adquirir o perfil de hoje com a contribuição do Pe. César, do Pe. Ângelo, do Pe. João Falco e de outros salesianos.

Ao lado do Museu Dom Bosco, como realização do ideal salesiano de lutar pelo avanço da cultura e da pesquisa, surgiu a idéia de se fundar uma faculdade, ir além dos Bacharéis, instituir uma instituição de Ensino Superior. Essa idéia não medrou imediatamente por circunstâncias históricas que levaram os salesianos a deixarem os colégios de Silvânia e o Ateneu Dom Bosco de Goiânia para os

salesianos da Inspetoria de Belo-Horizonte. Porém, mesmo não tendo sido concretizada, não deixou de estar presente na mente e nos desejos dos salesianos que se dirigiram para Campo Grande e para Lins. Levaram a idéia que, uma década depois, a partir de 1960, iria se tornar uma realidade: a Faculdade Dom Aquino de Ciências e Letras.

7 A Inspetoria se despede das plagas goianas: “– Adeus a Silvânia e ao Ateneu Dom Bosco de Goiás!”

Pode até parecer redundância ou repetição do que se escreveu no item anterior, mas o registro testemunhal do Pe. Mário Panziera vem revelar alguns pormenores interessantes para a composição da trajetória da vida do Pe. Ângelo e para os germes das atividades que atualmente são muito representativas para os salesianos e leigos que conhecem a nossa história. Assim se inicia o depoimento do Pe. Mário Panziera: “gostaria primeiramente de relatar algo sobre o meu primeiro encontro e a impressão que esta personalidade fortemente marcante do Pe. Ângelo me deixou. Em fevereiro de 1949 eu me encontrava no Ateneu Dom Bosco de Goiânia-GO, em qualidade de tirocinante; lembro-me da chegada do Pe. Ângelo Venturelli, do vozeirão expansivo com que saudava os antigos amigos, Pe. José Della Muta, Pe. Félix Zavataro – Diretor – Pe. Osvaldo Sérgio Lobo, antigo colega de noviciado, Pe. Primo Turella, Mestre Roberto Pollice, Pe. Francisco Czaplá e os clérigos tirocinantes, João Falco e eu. Trazia juntamente com o cansaço da longa viagem desde Campo Grande/MS a triste notícia do recente falecimento do Pe. Ernesto Carletti, acontecido no dia 06 de fevereiro de 1949, na Itália.

Notei o interesse que aquela notícia despertava em todos, desejavam saber mais sobre o falecimento do Pe. Carletti; via-se o quanto era querido.

Pe. Ângelo Venturelli recebeu a incumbência de Diretor do oratório festivo da Vila Nova; também era o capelão das irmãs da Santa Casa, conselheiro do período vespertino no colégio e, de maneira especial, professor de Matemática, Física e Desenho no ensino médio; nesta atividade ele era espetacular, poderíamos dizer, brilhante professor: granjeava além da atenção dos alunos, verdadeira admiração.

Os colégios em Goiás eram, na época, poucos e entre eles o Ateneu Dom Bosco primava em qualidade; os alunos eram sabedores disso e apreciavam o colégio e amavam o saber e os ensinamentos. Pe. Ângelo não era afeito à disciplina, não castigava ninguém, limitava-se a dizer aos alunos: ‘não me desmontem!’, obtinha atenção pela competência e sabedoria. Era admirado. Sonhava com a publicação de um texto escolar de FÍSICA; dizia que o texto da coleção FTD, na época uma obra prima, não era didático como deveria ser. Da mesma forma almeja

um laboratório de Física para o Ateneu – Gabinete de Física, como era denominado naquele tempo – semelhante ao que Dom Manuel Gomes de Oliveira havia adquirido da Alemanha e que ele usara em Silvânia, nos anos de 1936 e 37, quando se formavam Bacharéis antes da reforma de ensino de 1942. Pe. Ângelo olhava longe.

Em 1948, primeiro ano de diretor do Pe. Feliz Zavattaro, o Ateneu lançava uma revista mensal LUZ E VIDA, com a ajuda do clérigo. João Falco, nos moldes, embora módicos, da revista SELEÇÕES READER'S DIGEST, universalmente conhecida. Em 1949, já com a presença do amigo e colaborador Pe. Ângelo Venturelli, fundava o MUSEU DOM BOSCO, que apresentava a coleção de entomologia, de coleópteros, etc...

E o Pe. Mário Panziera conclui o seu depoimento: “O envio do material do Museu e dos livros da Biblioteca do Ateneu para o Colégio Dom Bosco de Campo Grande constituía a continuação do sonho dos Padres Félix e Ângelo para a fundação das Faculdades; porém na área inter-inspetorial soava grave depredação. Fato este que produziu um autêntico obstáculo para quem podia aspirar a cargos mais elevados, não para a satisfação ou vaidade, mas para oferecer algo mais para a Congregação. Mais tarde, o próprio Pe. Félix ouvirá pessoalmente do Pe. Ziggotti, Reitor-Mor, aquelas palavras – “Abbiamo paura di te!” –; neste sentido é que devem ser entendidas as expressões com esta do Pe. Ângelo: “Eu e o Pe. Félix deveríamos ter nascido 50 anos mais tarde!”

Algumas observações sobressaem desse longo depoimento do Pe. Mário Panziera:

- a) o grupo de salesianos significativos foram capazes de promover uma presença muito significativa em Goiás, quer pelo espírito que testemunhavam quer pela excelência e qualidade do ensino que proporcionaram aos alunos daquele tempo em Goiânia e em Silvânia;
- b) a convivência na mesma casa dos Padres Félix Zavattaro, Ângelo Venturelli e do clérigo tirocinante João Falco. Convivência que deve ter possibilitado a socialização de ideais, horizontes educativos e, principalmente, possibilitou as primeiras tentativas para a criação do Museu Dom Bosco, da publicação de uma revista e o nascer das idéias sobre uma possível instituição de ensino superior;
- c) o fato de os salesianos levarem para Campo Grande a Biblioteca e as peças do incipiente Museu Dom Bosco indica a intenção desses destemidos salesianos de realizar lá, em Campo Grande, aquilo que as circunstâncias proibiram serem realizadas em Goiânia;
- d) esse grupo de salesianos, com muito pesar, mas conscientes, partiram para Campo Grande levando consigo a certeza de que poderiam concretizar suas idéias apesar de tudo e de a história não se mostrar favorável. Com imenso

pesar, também deixavam as duas casas de Goiás para a imensa inspetoria que, naquele tempo, ocupava o território das atuais inspetorias salesianas de Minas Gerais, de São Paulo e de Porto Alegre.

Resumindo as atividades do jovem Pe. Ângelo que encerra uma etapa de sua vida quando se dirige para Campo Grande, pode-se afirmar que, na década de quarenta, suas atividades de professor, de sacerdote e sua convivência com outros salesianos muito significativos, permitiram surgir e brotar idéias e realizações incipientes que modelariam seus pensamentos e atenções para a década seguinte, a partir de 1950. Então, a maior parte de suas idéias iriam ganhar vida e se concretizar. De 1945-1950, tempo de sonhar e lutar; de 1950-1962, tempo de estabelecer estratégias para a concretização das idéias que alimentavam esse grupo de salesianos empreendedores e muito avançados em idéias para a maioria dos salesianos da época.

O adeus a Goiânia fez com que Campo Grande surgisse como grande possibilidade de ser o lugar da concretização dos sonhos anteriores.

8 Professor no Colégio Dom Bosco e em outros colégios

Antes de relatar os fatos da vida do Pe. Ângelo depois de 1950, vale notificar sua trajetória de professor de disciplinas exatas e a alta estima que granjeou por sua competência de docente de Matemática, Física e Desenho para o colegial.

No seu currículo oficial, organizado por ele mesmo, consta que no tempo de assistente foi professor dessas disciplinas em Silvânia – 1937-1938 – e no Ginásio Santa Teresa de Corumbá, em 1939. Em 1940, lecionou no antigo primário em Ponta Porã, porque o colégio não tinha o colegial.

Depois de sua ordenação sacerdotal em 8/12/1944, lecionou Física e Química no Colégio Dom Bosco de Campo Grande em 1945 e 1946; já em 1947 está no Santa Teresa novamente, em Corumbá como conselheiro e professor das disciplinas exatas. Em 1948, o novo inspetor, Pe. Guido Borra, destina-o para um novo cargo, catequista e professor no Colégio Dom Bosco. Nessa nova tarefa não se viu bem e, no ano seguinte(1949), ele vai para o Ateneu Dom Bosco de Goiânia como professor de suas disciplinas onde, ao lado do Pe. Félix, tem momentos de muita dedicação para ver se esse colégio não passava para a inspetoria de Minas. Tudo em vão. No final do ano, os salesianos da Inspetoria de Mato Grosso tiveram que entregar o colégio. Conforme seu testemunho, já nesse tempo estavam esboçando um esquema para abrir uma instituição de ensino superior em Goiânia conforme atesta seu depoimento à jornalista Lu Bigatão assim afirmou: “Em 1949, Pe. Félix e eu estávamos em Goiânia. Fomos os primeiros professores de uma faculdade de Filosofia fundada pelo arcebispo Dom Emmanuel Gomes de Oliveira. A

comunidade deixou de ser da MSMT e passou para a outra inspetoria. Viemos para cá. O inspetor era Pe. Guido Borra e ele, ouvindo as nossas queixas por termos abandonado a faculdade, nos disse que fundaríamos uma faculdade aqui..."(Entrevista, 10/1994).

No ano de 1950, já em Campo Grande, Pe. Ângelo está com o tempo disponível preenchido por tantas aulas de suas queridas disciplinas exatas, quando tem início uma nova etapa de sua vida: Capelão da Santa Casa, que por estar ao lado do colégio não lhe tirava o tempo necessário para suas aulas. Essa nova atividade em Campo Grande, Capelão da Santa Casa, marca o início de uma etapa gloriosa de sua vida. Aí vai permanecer até o final de sua vida. Iniciou quando a Santa Casa era pequena e a capela estava inserida no corpo do prédio hospitalar. Mais tarde foram construídos os prédios atuais e uma capela na esquina da Av. Mato Grosso onde sempre aos domingos, às 19h, Pe. Ângelo estava lá para a Santa Missa Dominical com uma platéia, uma comunidade cativa e devotada.

Até 1950 a vida do Pe. Ângelo teve o ritmo comum de qualquer salesiano que atendeu sempre as ordens do inspetor e passou por várias casas trabalhando como professor e exercendo outros cargos. Nesse mister de professor de disciplinas exatas e Desenho, foi muito competente e gozou de um reconhecimento geral dos salesianos e dos alunos. Fez por merecer muita estima e gratidão, além de muita admiração pela competência e pelo seu modo de ser. Primava por ser excelente no seu ministério de professor-educador e de capelão, porém, quanto aos afazeres necessários em um colégio de internos, como manter a disciplina, organizar e acompanhar os alunos em outras atividades não foi seu campo forte. Embora tenha contribuído sempre para as festas com suas composições musicais e com suas apresentações de recitais de piano para animar as academias e sessões teatrais, sua dedicação muito especial até esse tempo tinha como foco principal suas aulas e uma presença alentada para grandezas que fugiam do comum do cotidiano de um internato. Seu olhar já ultrapassava o totalizante horizonte de uma vida de internato e das aulas somente. O ano de 1950 seria uma época decisiva para uma mudança de rotas em suas preocupações quanto ao futuro.

Para que isso ocorresse naturalmente, a presença de outros salesianos em Campo Grande facilitou também: havia a presença do salesiano de visão para negócios, Pe. Constantino de Monte; havia o salesiano que já se posicionara perante a inspetoria, indicando outros campos de trabalho para além da atividade escolar com alunos internos e externos, Pe. Félix Zavattaro; havia os professores de aguda perspicácia para vôos mais altos que o simples colegial, Pe. Francisco Agreiter, mais tarde, Pe. José Barbisan e esporadicamente, a presença dos missionários pesquisadores: Pe. Hipolyte Chovelon e Pe. César Albisetti – sem contar com a

figura ímpar de missionário e expedicionário pelo interior do Mato Grosso, Pe. Colbacchini. Ao lado, como apoio, apareciam outros salesianos como o Pe. Pedro Melisi, Pe. André Capelli e Pe. Bruno Mariano, empreendedores no setor agrícola. Esses salesianos estavam preparando um salto nas posturas das atuações futuras dos salesianos como um todo na Inspeção. Então as atividades do Pe. Ângelo vão adquirir outras tonalidades.

9 Nasce em Campo Grande o Museu Dom Bosco

Com a proximidade do Pe. Félix, as idéias que quase se tornaram realidade na cidade de Goiânia começam a se tornar uma possibilidade concreta em Campo Grande, mais propriamente no Colégio Dom Bosco, também sede inspetorial.

Nessa época Campo Grande dependia administrativamente de Cuiabá; era uma promessa regional, aglutinadora das tendências do sul do Estado. Principalmente bem servida pela NOB, interligava-se com a Bolívia e com o Paraguai. Depois da decadência do transporte fluvial de Corumbá, de Miranda e de Aquidauana, Campo Grande polarizava as atenções dos grandes fazendeiros do Pantanal e das planícies de Ponta Porã, de Bela Vista. A NOB (Ferrovia Noroeste do Brasil) fazia uma interligação muito importante com o interior de S. Paulo. Como região especial surgia o mundo da reforma agrária federal na região de Dourados.

Embora Campo Grande fosse uma típica cidade provinciana do sul do estado, tinha importante função estratégica como ponto de coordenação do Exército e a presença dos militares compunha um segmento social importante na região. A parte urbana não ia além dos limites dos córregos, do bairro dos militares e do aeroporto militar e civil também. As avenidas principais eram: 14 de Julho, Calógeras, Treze de Maio e Av. Mato Grosso. Havia pouco asfalto, sendo que a Rua Maracaju ostentava o riacho a descoberto e a linha férrea era, ao lado da Calógeras e da Av. 14 de Julho, a coluna dorsal da cidade. Bem perto da estação da NOB estava o Colégio Dom Bosco e, duas quadras acima, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, das FMA. Dois outros colégios eram significativos: Maria Constança de Barros Machado, estadual e o Osvaldo Cruz que, por muito tempo, foi o grande concorrente do Colégio Dom Bosco. Uma cidade de poucos mil habitantes e muito rural. Em 1946 surgia a Lagoa da Cruz como alternativa de noviciado e também estavam presentes os salesianos no Seminário Diocesano construído ainda por Dom Orlando Chaves. Campo Grande, que antes pertencia à diocese de Corumbá onde foi bispo o venerando Dom Lustosa, somente seria diocese a partir de 1958.

Com a chegada dos salesianos que deixaram as casas de Goiás, novas idéias vão se concretizando e a primeira delas é a fundação ou instalação do Museu

Dom Bosco que nascera incipiente em Goiânia. O depoimento do Pe. Félix ao jovem jornalista Lúcio Gazal afirma que o Museu Dom Bosco iniciou no ano de 1948: "Na Rua Três, no centro de Goiânia, havia a loja Allencastro que expunha objetos indígenas em suas vitrines. Ali comprei três flechas da tribo Carajá e as levei para o Ateneu e lá iniciei a coletar o material para o incipiente Museu. Essa idéia eu a tinha comigo desde os tempos de aluno do Curso Primário no Colégio São Carlos de Borgo San Martino onde havia um museu que eu costumava visitar. E aos doze anos de idade, por dois meses tomei conta de uma exposição de objetos indígenas da América do Sul, uma exposição missionária. Este fato ficou em minha memória e quando vim para o Brasil tornou-se o principal germe da idéia de se fundar aqui um museu, pois os salesianos trabalhavam com os indígenas...!". Continua ainda o Pe. Félix: "Nesse ano de 1948 eu era o diretor do Ateneu e comigo estava o clérigo João Falco que era especialista em insetos e outros animais... ele se interessou pelo museu e foi o meu primeiro auxiliar!".

Com o apoio de todos e dos missionários, em especial do Pe. César Albisetti, já em Campo Grande, Pe. Félix descobre um lugar para instalar o museu. Pe. Ângelo somente vai estar presente nesse trabalho no ano de 1951, mas apóia as iniciativas de seu diretor, Pe. Félix. Como fato muito significativo, o Pe. Félix relata que, nesse tempo, estando em Niterói, encontrou-se com o Pe. Alcionílio Alves Bruzzi da Silva que estava chegando de uma viagem expedicionária de pesquisa no Alto Rio Negro do Amazonas e fora enviado pela USP. Conta assim o desfecho desse encontro: "Pe. Alcionílio me dissera que os recursos da USP não foram suficientes e que tivera que contrair dívidas para encerrar o trabalho e retornar. Então eu me ofereci para pagar suas dívidas e, em troca, ele me cederia os seus três volumes, suas três pastas de pesquisa. E ele aceitou e eu as trouxe para o Museu como início da possibilidade de um acervo indígena do Rio Negro!".

A instalação do Museu Dom Bosco nas dependências do Colégio Dom Bosco marca o início de um novo horizonte para a presença dos salesianos em Campo Grande. Valeu para isso o fato de que já bem anteriormente o inspetor Pe. Carletti transferira a sede inspetorial para Campo Grande, precisamente para as dependências do Colégio Dom Bosco. Nessa época surge a audácia dos negócios do ecônomo Pe. Constantino de Monte que, em meio a tantas idas e vindas, compras e vendas, reduziu e alargou o espaço do colégio para os pátios e para a área de que dispõe nos dias de hoje. Assim, vão surgir os grandes projetos do Bloco E, paralelo à Rua 14 de Julho, com a vistosa e mais alta torre da cidade, onde haveria lugar para um número bem maior de alunos e, em especial, para internos. Nota-se que quando o prédio ficou pronto, no final da década de sessenta, os internatos já haviam saído de moda e o internato do Dom Bosco reduzido extinguiu-se no início da década seguinte, em 1970...

O museu depois ganhou distinção e várias salas do andar térreo do Bloco A, tornando-se um ponto de atração e de visitas, além de servir de base para outra iniciativa que tornará essa época e os salesianos Pe. Ângelo e Pe. César Albisetti muito significativos no campo científico.

É bom notificar que Pe. Ângelo, tendo em vista o início de outras atividades, continuou com suas aulas de Física e Química para o colegial do Colégio Dom Bosco, a cuja comunidade pertencia, até 1956, para depois assumir a diretoria e a responsabilidade de levar o Museu Dom Bosco a expandir e aumentar o seu acervo etnográfico. Sobre essa fase as afirmações de seu colega de turma Pe. Pedro Cometti são peremptórias: “Durante mais de vinte anos foi o ‘encarregado’ do Museu Regional Dom Bosco fundado pelo Pe. Félix Zavattaro. Nessa função não realizou muita coisa, a não ser organizar milhares de fichas descritivas do acervo do museu, preservar e numerar todos os objetos e coletar peças bororo, xavante, tucano e aharaibo. Superintendeu, obedecendo a ordem superior, a quatro mudanças de sede do museu” (Cinquenta Anos de Brasil, p.45). Essas mudanças relatadas aqui foram duas no Bloco A e uma para o Bloco C no Colégio Dom Bosco, para, finalmente passar para o prédio Pia Lame na praça do Rádio Clube, Rua Barão do Rio Branco.

Pe. Ângelo afirma em seu curriculum vitae que foi diretor do Museu Regional Dom Bosco de Campo Grande de 1957 até 1974. Longo período de trabalho em que se dedicava a três tarefas de muita relevância: ao trabalho no Museu Dom Bosco, vice-diretor (1962), depois diretor pelo longo período de 1963 até 1973 das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Campo Grande e à preparação dos volumes da Enciclopédia Bororo. Hoje pode-se afirmar que eram atividades correlatas e complementares entre si. Tamanho empenho perante si mesmo, perante a sociedade, perante os salesianos e alunos possibilitou uma atitude normal de trabalho, pois já estava afeito a essa exigência de exímio diretor e promotor tanto do Museu como das Faculdades, assim como ao minucioso trabalho para a publicação dos volumes restantes do projeto integral. Essa etapa da vida do Pe. Ângelo mostrou-se altamente produtiva e significativa.

Pe. Félix escreveu sobre a atividade do Pe. Ângelo no Museu, em 1969: “Ponto alto das visitas do turista que vem a Campo Grande, objeto de admiração, veneração, entusiasmo de quem gosta das coisas bonitas e humanas, do homem brasileiro. Um monumento em parte devido ao gênio artístico e científico do Pe. Ângelo Venturelli e de seus colaboradores (e termina o seu depoimento)...almejo de coração que Deus o guarde (ao Pe. Ângelo) como guardou até o presente: fiel à sua missão de sacerdote, de salesiano e de sábio!”

Praticamente foram doze anos de um trabalho inédito, próprio de um desbravador corajoso que não se intimidou perante qualquer dificuldade. Permitiram, esses longos ou curtos anos de intenso trabalho, que a capacidade de trabalho se alargasse, que seu horizonte de cientista, temperado pelos tempos de docente de Física e Química, amenizado pela também competente atividade de professor de Desenho se dispusesse à compreensão e à expansão de sua maestria em dirigir, orientar, documentar e consolidar as áreas de sua atuação mediante o exercício da mais elementar das virtualidades do Sistema Preventivo de Dom Bosco: a presença qualificada, capaz de suscitar a novidade da vida e do saber.

Essas três atividades, faculdades ou o ensino superior incipiente, o museu e a preparação da Enciclopédia, possibilitaram a ampla manifestação e expansão das capacidades do Pe. Ângelo sempre apoiado pela amiga presença e cordial animação de seu amigo Pe. Félix Zavattaro, do estimado Pe. César Albisetti e de tantos leigos que não mediram sacrifícios e que com generosa e fiel dedicação aliaram-se ao Pe. Ângelo na execução, no desenvolvimento e na obtenção da consistência dessas três atividades promissoras, mas altamente exigentes. Professores como Glória de Sá Rosa, Carolina, Sr. Cleómenes Nunes da Rocha e outros possibilitaram o grande desempenho nas três atividades; tudo resultou na consistência e na expansão do que são hoje: ensino universitário = UCDB, Museu = Museu Dom Bosco e a Enciclopédia Bororo se completou na publicação póstuma do último volume por ele preparado.

Depois desse período, Pe. Ângelo pôde passar para outras mãos o resultado de um sonho que iniciara em Goiás na década de quarenta, para se consolidar na década de setenta. Os acontecimentos na Inspetoria foram marcantes após 1973 e determinaram outro rumo para as atividades do Pe. Ângelo.

O museu foi entregue a seu competente e dedicado amigo Pe. João Falco, depois de ser transferido para o prédio da Rua Barão do Rio Branco em frente à Praça do Rádio Clube, onde ganhou notoriedade e também cresceu muito; atualmente está sendo transferido para sua sede definitiva, exclusiva e com espaço de sobra para suas futuras expansões, no final da Av. Afonso Pena, dentro do Parque das Nações Indígenas, contíguo à cidade administrativa do Estado. Sem dúvida deixa de ser uma obra regional para se tornar significativa internacionalmente.

9.1 Pe. Ângelo e Pe. César Albisetti – A Enciclopédia Bororo

Pe. Ângelo aproximou-se do Pe. César pela evidência de suas qualidades de pesquisador e por recomendação do seu amigo Pe. Félix. Não havia no grupo outra pessoa para assumir tal parceria, pois Pe. Colbacchini jamais trabalharia

neste sentido, publicara antes o seu trabalho sobre os Bororo – “I Bororo Orientali”. Pe. Pedro Mélisi não tinha o perfil desse trabalho, o mesmo acontecia com outros possíveis salesianos como o Pe. Constantino, Pe. Hipolyte Chovelon e outros. Pe. Ângelo era jovem, disciplinado no trabalho em relação às ciências. Além disso, sempre primou por possuir horizontes grandiosos e referências intelectuais recomendáveis.

Ao se aliar no trabalho com Pe. César Albisetti, o futuro do Pe. Ângelo adquiriu contornos de uma nova etapa como professor salesiano e educador que passa então a não se dedicar somente às aulas, mas como Dom Bosco recomendava aos primeiros missionários, a se dedicar à pesquisa. Em resposta à jornalista ele mesmo afirma: “Comecei a trabalhar com os índios, juntamente com o Pe. César Albisetti, no ano de 1951. Ele fez pesquisas que completei e juntos publicamos. Naquela época havia pouca bibliografia sobre os índios, tínhamos de pesquisar muito. Nunca cheguei a morar na aldeia, mas passava muitos meses por lá, durante as férias. Fizemos a Enciclopédia Bororo, que é a mais completa obra dos índios brasileiros. Estou trabalhando até hoje no projeto. São mais de quarenta anos. Se Deus quiser, ainda este ano, publicaremos um livro que são os textos dos cantos festivos”(Entrevista a Lú Bigatão, 10/1964).

Ao lado desse testemunho vale o relato de outro seu amigo, Pe. Mário Panziera: “Pelo fim do ano de 1951, o Pe. César Albisetti o convida para ser o co-autor desta vasta obra que é a ENCICLOPÉDIA BORORO. Convidam o Bororo Tiago... com a esposa e os abrigam numa casa que existia perto da cabeceira da nascente na Lagoa da Cruz. Mais tarde consultarão o José Maria, outro Bororo de Sangradouro. Após 18 anos de estudo sairá o primeiro volume, único pela sua análise das crenças e costumes bororo.”

Convém notar que para esse trabalho fez-se necessária uma infra-estrutura correspondente. Aos poucos foram surgindo escritórios e laboratórios nas dependências relativas ao Museu Dom Bosco que pudessem dar suporte às inevitáveis exigências para que o trabalho de pesquisa, anotações, confronto, organização de documentos, relatos e fichários tivesse o mínimo de espaço e de ambiente necessários para essa ação.

Ainda no tempo em que o Museu estava sediado nas dependências do Bloco A e nos anos seguintes da década de sessenta, surgiram esses ambientes e entre tantos aparatos necessários Pe. Ângelo montou um excelente laboratório fotográfico provido de todos os requisitos para os registros e fotos dos objetos descritos no primeiro volume da Enciclopédia. Máquinas excelentes, possibilidade de revelar fotos, logicamente em preto-branco, fizeram dele um exímio artista da foto-

grafia. Fotógrafo competente passou a documentar não somente suas pesquisas etnográficas, mas as diversas atividades dos salesianos no Colégio Dom Bosco e nos eventos principais da inspetoria. Decorre assim o seu arquivo pessoal de tantas fotos e da vida salesiana de todo esse tempo em que esteve residindo na comunidade do Colégio Dom Bosco.

Se suas atividades de pesquisador ao lado do Pe. César lhe exigiam dedicação, por outro lado, não foi menor o seu empenho para continuar suas aulas no ensino médio do Colégio do Dom Bosco até o final dos anos cinquenta. Posteriormente, a preparação do primeiro volume da Enciclopédia passou a exigir mais tempo de dedicação. Teve que deixar suas atividades docentes no colégio. No início da década de sessenta voltou à docência, mas no Ensino Superior.

Por esses nove anos teve que se dedicar ao estudo da Antropologia Cultural, apesar da dificuldade em encontrar fontes atualizadas e de livros ou pesquisas sobre o assunto. Estava no auge a propagação das pesquisas que Lévy Strauss publicara sobre os Bororo e, sobretudo, vigorava a metodologia estruturalista de análise dos mitos empregada por este pesquisador.

No Brasil esse estudo era incipiente, mas já contava com a presença da revista ANHEMBI da USP dirigida com muita competência pelo antropólogo Paulo Duarte. Também eram mestres na área da Antropologia Cultural os estudiosos Egon Schaden e Assis Brasil. Se o foco dos estudos tanto da revista ANHEMBI, como as produções desses dois outros antropólogos citados se dirigiam para as culturas indígenas, outro pesquisador renomado já se fazia presente em relação à cultura africana, Roger Bastide, por suas publicações sobre a presença e influência da cultura africana no Brasil. Ainda não existia a UNB que lançaria, com a força da liderança de Darcy Ribeiro, um verdadeiro centro de estudos de Antropologia Cultural, ao lado de um curso homônimo, com antropólogos da USP, do Centro de Estudos da UFRJ e do Museu Nacional.

Para os estudos da cultura, servia de base a referência aos estudos dos sociólogos como Caio Prado Jr e Gilberto Freyre que elaboravam os formatos da cultura e da sociedade brasileira com uma visão mais ampla e analítica quanto aos meandros de sustentação do poder e das características estruturantes das bases da sociedade brasileira. Bem mais tarde, depois da década de sessenta, é que vão surgir estudos mais apurados da área de Antropologia Cultural. Essas afirmações realçam e confirmam, por outra parte, o caráter ousado e inaugural dos estudos do Pe. César Albisetti e dos demais salesianos que anteriormente já haviam publicado estudos ou relatos sobre os Bororo, tendo como parceiro o Pe. Ângelo Venturelli; este, particularmente, era a garantia de um estudo metodologicamente consistente.

9.2 Pe. Ângelo continuador do projeto da Enciclopédia Bororo

O plano geral da ENCICLOPÉDIA BORORO compreende quatro volumes. O primeiro volume – Língua e Etnografia – foi publicado em 1962; o segundo volume – Lendas e Antropônimos – foi publicado em 1969. A primeira parte do terceiro volume – Textos de Cantos – foi publicada em 1976. A Segunda Parte do volume terceiro foi publicada em 2002. Antes de falecer, deixou pronto para ser publicado o quarto volume que encerra sua vasta e complexa obra de Antropologia Cultural levada até o fim, apesar do falecimento de seu parceiro de pesquisa, Pe. César Albisetti, em 1977.

Por ocasião da festa das bodas de prata do sacerdócio do Pe. Ângelo – em 1969 –, seu grande amigo Pe. Félix Zavattaro escreveu assim sobre as ações realizadas por ele ao se referir à ENCICLOPÉDIA BORORO, entusiasmadamente: “Pe. Ângelo Jayme Venturelli é especialmente homem de ciência. Publicou, em colaboração com o Pe. César Albisetti, os dois primeiros volumes da monumental ENCICLOPÉDIA BORORO. Aproximadamente 2.540 páginas, milhares de verbetes, mais de 1.500 ilustrações. Vinte anos de trabalho ininterrupto, de canseiras físicas, de desgaste psíquico prolongado, de resistência, perseverança e triunfo. Porque a Enciclopédia Bororo é a maior obra jamais escrita sobre uma tribo indígena do Brasil. Escrita por homens de ciência para os cientistas de todo o mundo. Onde existe uma universidade, no mundo inteiro, aí é conhecida a Enciclopédia Bororo. Sabemo-lo pela correspondência que chega a Campo Grande, das cidades mais afastadas e desconhecidas do globo. Uma obra imortal, que será ainda citada e estudada até que houver um homem sobre a Terra, interessado em conhecer o Homem na sua história, na sua evolução, nas suas crenças, na sua organização passada, na sua visão do mundo. Uma obra que enobrecer a cultura mato-grossense, a Faculdade Dom Aquino, a cidade de Campo Grande, Mato Grosso e o Brasil todo.”

De fato, a obra do Pe. Ângelo ao lado do Pe. César é muito importante. Quer nos meios científicos, quer em relação à cultura em geral, quer também em relação à sobrevivência da original cultura dos Bororo como povo, a Enciclopédia Bororo é importante em todos os sentidos: como expressão do registro de uma cultura, como expressão de uma dedicação de devotamento, de trabalho! Hoje, é também uma obra de referência para os próprios Bororo.

Talvez a ENCICLOPÉDIA BORORO seja a forma mais correta de testemunhar o sonho de Dom Bosco ao enviar os primeiros missionários para a América do Sul recomendando-lhes que cuidassem do povo e que fossem muito fiéis a quem quer que seja que lhes estivesse ao lado na convivência fraterna e, sobretudo,

que pesquisassem e documentassem a vida e as descobertas. Dessa forma esse estudo registrado na Enciclopédia se transforma na mais lídima expressão do espírito salesiano transmitido pelos missionários nesta região de missões. Pe. César, Pe. Ângelo e o Pe. Gonçalo Ochoa, continuador dos dois anteriores, testemunharam com a vida e com o registro de sua dedicação e estima para com Dom Bosco e, por conseguinte, para com o povo Bororo, na enciclopédia e na precisão científica de seus estudos. A consistência cultural Bororo está firmemente documentada e permite que outros avancem nos estudos e esse povo se mostre glorioso por ter uma cultura tão imponente e significativa.

A Enciclopédia visualiza a grandiosidade da resposta missionária salesiana nas missões de Mato Grosso e permitiu outras ações semelhantes por parte dos missionários salesianos com resultados significativos também em relação a outros povos.

Com a publicação póstuma da última parte do quarto volume, ela se torna uma referência internacional, portadora de nobreza e de caráter científico não somente para os autores, mas para o Museu Dom Bosco e para a Universidade Católica Dom Bosco – UCDB.

10 Pe. Ângelo e Pe. Félix Zavataro – nasce a faculdade Dom Francisco de Aquino Corrêa em Campo Grande

A terceira grande atividade em que o Pe. Ângelo esteve envolvido após a vinda dos salesianos de Goiânia foi a implantação do Ensino Superior em Campo Grande. Antes de chegarem aqui, segundo o depoimento do próprio Pe. Ângelo, o gérmen desse empreendimento fazia parte dos sonhos e dos novos horizontes descortinados desde a época do Pe. Ernesto Carletti. Este inspetor, ao lado dos jovens salesianos missionários que trouxera de Bolengo ou de Ivreia, incentivava e apoiava os arroubos juvenis consistentes de todos e os incentivava a crescer, a expandir e a trabalhar muito pelos jovens. Descobriram que o Ensino Superior também era uma demanda juvenil e aspiravam estar presentes nesse setor para que não esgotassem as possibilidades educativas dos jovens e para que os salesianos não se estagnassem em seus horizontes de estudo e de pesquisa. Haja vista os exemplos dos missionários que se tornaram muito significativos pelos trabalhos e estudos em relação à cultura indígena.

Em sua entrevista a Lu Bigatão, jornalista do Boletim Informativo da Inspeção, em outubro de 1994, afirmou: “Em 1949, Pe. Félix e eu estávamos em Goiânia. Fomos os primeiros professores de uma faculdade de Filosofia fundada pelo arcebispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira. A comunidade, o colégio Ateneu, deixou de

ser da MSMT e passou para outra inspetoria. Viemos para cá – Campo Grande. O inspetor era o Pe. Guido Barra e ele, ouvindo as nossas queixas por termos abandonado a faculdade, nos disse que fundaríamos uma faculdade aqui (é bom notificar que esse fato ocorreu em 1950). O primeiro projeto foi do Pe. Félix, mas não foi para frente, porque não tínhamos estrutura.

Depois Pe. Félix foi transferido e eu voltei a mexer no projeto. Com o auxílio de Dom Antônio Barbosa, a faculdade foi aprovada e começou a funcionar. Foi a coisa que mais me marcou neste tempo de Brasil, porque no início todos eram contra a faculdade...”

As palavras dessa entrevista confirmam a história do início das idéias de se fundar uma faculdade em Campo Grande; ao mesmo tempo notificam a iniciativa infrutífera do Pe. Félix na década de cinquenta – quando já estava sendo construído o prédio da Rua 14 de julho para aumentar as possibilidades do internato e que depois de 1960 serão deixadas de lado para possibilitar a expansão do externato e espaços para a Faculdade e para o Museu. Também mostram essas palavras a dura realidade enfrentada pelos Padres Félix e Ângelo em relação à incompreensão dos outros irmãos salesianos em geral quanto ao futuro do ensino superior em Campo Grande. Aparece Dom Antônio que, em sua simplicidade, apoiou sempre essa iniciativa, bem como outros salesianos testemunharam o apoio de: Pe. Heitor Castoldi, mais tarde, Pe. Pedro Mélite e, logicamente do inspetor, Pe. Guido Barra e depois de 1958, quando ele foi eleito para o Conselho Geral, do seu substituto, Pe. João Greiner que chegara de seu tempo de inspetorado na Alemanha.

Mais uma atividade cuja realização, apesar de exigir muita disposição e determinação, é assumida pelo Pe. Ângelo nos moldes do entusiasmo dos anos iniciais sob a animação pujante do saudoso Pe. Carletti. O ensino superior passou a ser a expressão de um objetivo a ser conquistado em sua grandeza e amplitude máximas para que o espírito missionário tivesse uma concretização semelhante aos momentos inspirados pelo ardoroso ânimo do Pe. Carletti ao entusiasmar os salesianos novos a se dedicarem com incansável persistência na expansão da inspetoria, e na qualificação dos salesianos para serem muito significativos para os jovens, para uma região toda.

A profa. Maria da Glória, que conviveu desde o início da implantação dos cursos de ensino superior da Faculdade Dom Aquino, escreveu sobre o Pe. Ângelo no Suplemento Cultural do Correio do Estado – 3/6/2006: “Nosso conhecimento teve início em 1961 com a criação dos primeiros cursos superiores em Campo Grande que, ao lado do Pe. Félix Zavattaro, implantou para manter na terra natal inteligências que antes precisavam deslocar-se para outros estados a fim de con-

cluir os estudos de nível universitário". E ao se referir à pessoa do Pe. Ângelo expressou assim sua admiração e carinho para com ele: "Como deixar de lembrar a voz de forte sotaque italiano, a figura robusta circulando pelos corredores e salas da Faculdade Dom Aquino, em que incentivou as promoções culturais, a busca do saber e deixou que a liberdade circulasse como vento renovador de idéias e de sonhos que não se perderam?" Categoricamente o título do artigo expressa sinteticamente a grandeza do empreendimento e a largura dos horizontes, as idéias e a capacidade do Pe. Ângelo: "Padre Ângelo Jayme Venturelli, pioneiro do ensino superior em nosso Estado!"

Pe. Ângelo, como já foi dito, obteve o apoio importante de vários professores, entre eles sobressaem a Profa. Glorinha, a Profa. Carolina, o Dr. Cleómenes Nunes da Rocha, e mais tarde, quando surgiu a Faculdade de Direito, o Dr. Adhemar Mombrum. Especialmente esteve a seu lado, depois que retornou para cá, o seu estimado amigo Pe. Félix Zavattaro. Também a sociedade de Campo Grande demorou em aceitar a presença do ensino superior aqui, pois viera não por iniciativa política, mas pela força de vontade desses salesianos.

10.1 Surge também a Faculdade de Direito

Por intervenção do Sr. Bispo, Dom Antônio Barbosa, depois de vários anos de funcionamento da Faculdade Dom Francisco de Aquino Corrêa, tendo sempre à frente o Pe. Ângelo e na retaguarda o Pe. Félix e outros salesianos, surgiu a faculdade de Direito. Os salesianos já tinham uma experiência incipiente e, com as bênçãos de Deus e o auxílio e intervenção veemente do Sr. Bispo Dom Antônio Barbosa, os salesianos criaram o curso de Direito. Inicialmente foi dirigido pelo Pe. Pedro Alves Ferreira que, sendo da área e tendo estudado na Sorbonne proporcionou um bom início, com muita confiabilidade perante a sociedade de Campo Grande. Porém, houve muitas mudanças na inspetoria e nesse tempo as diferenças se tornaram marcantes perante um inspetor muito inoperante e não capaz para essa demanda. Sob esse novo comando os salesianos pioneiros tiveram que ceder o lugar para uma nova geração de salesianos que encontrara o caminho aberto e, ao se aliarem com os novos rumos da inspetoria, assumiram os rumos do Ensino Superior na Inspetoria. Esses salesianos tinham visto o trabalho dos desbravadores e agora se punham a gerir aquilo que era uma realidade salesiana em Campo Grande: a presença consolidada do Ensino Superior.

A segunda geração de salesianos que passou a comandar os rumos da presença salesiana no Ensino Superior não possuía o élan inicial cuja raiz remonta aos anos de 1934-1939 e os anos seguintes do governo da Inspetoria pelo

Pe. Ernesto Carletti. Dessa forma assumiram o sucesso dos empreendedores com ares de competência em gerir e levar avante a nova maneira de se posicionar em Campo Grande como educadores e gestores do Ensino Superior, aliás com muito sucesso. Essa geração não levou para frente a beleza dos tempos primordiais ou iniciais, mas impelidos por inspetores despreparados, assumiram o Ensino Superior como um fato consumado. Surgia assim uma nova postura salesiana. O Pe. Ângelo Venturelli deixou a direção da Faculdade Dom Aquino e o Pe. Pedro Alves Pereira deixou a Faculdade de Direito. Entra em cena novo comando a partir da liderança de uma pessoa que se posicionava perante a inspetoria como o detentor da nova orientação: Pe. Walter Bocchi. Uniria a direção do Colégio Dom Bosco com a das Faculdades e para expressar o seu modo de ser e de comandar, assumia, também, a direção da comunidade.

Trouxe para perto de si os salesianos que o seguiam incontestes e que o aceitavam como a pessoa capaz de dar rumo a toda a obra do colégio. De fato, o Pe. Walter Bocchi conseguiu polarizar a inspetoria e o Colégio Dom Bosco: era o diretor geral do Colégio Dom Bosco – que atingiu o espetacular número de mais de cinco mil alunos – e da FUCMT, com também mais de três mil alunos, e pertencia ao conselho inspetorial.

Tudo isso sucedeu porque alguns fatores permitiram que ele assim se posicionasse e assumisse essa liderança que perdurou por mais de duas décadas. Com o fim do governo do Pe. Greiner, – era assim a escolha – veio como inspetor o Pe. Leonardo Jacuzzi, originário da inspetoria de S. Paulo e mais precisamente das casas significativas para os salesianos de lá: Liceu Coração de Jesus da capital e Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas. Para ele, essas casas, onde exercera sua capacidade de liderança expressariam o ponto mais alto da presença salesiana no Brasil. Reconhecer outra realidade e outras presenças mais desenvolvidas no interior do país, e ainda por cima, no Mato Grosso, era simplesmente aberrante. Dessa forma os antigos empreendedores, herdeiros do entusiasmo do Pe. Carletti, deixaram o comando para os salesianos que assumiram a presença e o modo de ver do novo inspetor que tinha como matriz o trabalho salesiano realizado na inspetoria de São Paulo. Houve muita controvérsia e os salesianos mais antigos tiveram que entregar o comando para o Pe. Walter Bocchi que conseguira o apoio de outros que estavam no comando inspetorial.

Ao lado do Pe. Walter surgiram os seus colaboradores: Pe. José Scampini foi para o comando do Direito, Pe. Waldir Boghossian para as licenciaturas, Pe. Adolfo Sanchez para a Economia e Serviço Social. Esses novos salesianos, juntamente com o Pe. Arlindo, Pe. Alceu Vidotti e Pe. José Marinoni passaram a ser a referência da presença salesiana no Dom Bosco. Cumpre esclarecer que antes do

Pe. Waldir Boghossian chegar, colaborou por alguns anos na diretoria das licenciaturas o laborioso e voluntarioso Pe. Carlos Del Torcchio. Esse, depois de transferido para as faculdades de Lins, veio a falecer de câncer na Itália.

Dessa forma, com a marcante presença do Pe. Walter Bocchi e com a ausência do comando inspetorial, o Pe. Ângelo e o Pe. Félix tiveram que ser afastados. Concorreu também para isso a nova administração da inspetoria que passou a ser centralizada e não mais possibilitaria a autonomia que os dois tiveram até aquele momento. Convergiu para essa mudança radical a questão da Rádio Educação Rural e da tipografia do Jornal do Comércio, estes sendo da diocese e não sendo assumidos pela inspetoria com administração centralizada, provocaram divisões e muito mal entendido. Fatos que levaram a outros desfechos mudando completamente os horizontes e as vidas tanto do Pe. Ângelo como do Pe. Félix Zavattaro.

Entrara em cena, para permanecer até o final de sua vida, a figura singular e centralizadora do Pe. Walter Bocchi com seus auxiliares. Ao aceitarem seus pontos de vista e sua liderança, tornaram-se, ele e os salesianos auxiliares, a segunda turma a gerir a presença salesiana no ensino superior na inspetria. Posteriormente aparecerá uma terceira leva de salesianos que regeram a passagem da FUCMT para a UCDB. Dessa forma, a história mostrou, por um lado, a perspicácia e envergadura das personalidades do Pe. Ângelo, do Pe. Félix pela ousadia de suas iniciativas e, por outro lado, posteriormente, a força da liderança do Pe. Walter Bocchi que preponderou inquestionavelmente no tempo da fraca atuação de alguns inspetores. Mais ou menos, os três inspetores que permitiram a ascensão do Pe. Walter eram originários de inspetorias centradas em outras questões e, por conseguinte, por falta de vivência e por desconhecimento da área do ensino superior, esses inspetores permitiram o crescimento e a permanência do Pe. Walter como inspirador dos rumos que o ensino universitário ganhou na inspetoria.

10.2 As Faculdades de Economia, Psicologia e Serviço Social

Com a ausência do Pe. Ângelo e com a unificação das faculdades, outras surgiram e tiveram outros salesianos como diretores. Depois surgiram as faculdades de Economia, cujo diretor foi o Pe. Angel Adolfo Sanchez, a faculdade de Psicologia ao lado das licenciaturas, mais tarde teve como diretor o Pe. Guilherme Morales e por fim o curso de Serviço Social dirigido pelo Pe. Sanchez e mais tarde pelo Pe. Augusto Issao Kian.

O curso de Psicologia vai ganhar uma autonomia e significado muito evidente perante a área de saúde nos hospitais e sanatórios. A excelência atingida leva-o a

se tornar muito benemérito. Por fim, os cursos integram-se na universidade que demorou a ser implantada por motivo de estreitamento de idéias, de modo especial da liderança do Pe. Walter Bocchi. Alguns salesianos da segunda geração, de modo especial, Pe. Antônio Antunes, Pe. Waldir Boghossian, Pe. Jair Gonçalves Ribeiro queriam iniciar o processo para que houvesse uma agregação de todos cursos numa universidade. Queriam transformar a FUCMT em uma universidade; tal propósito aconteceu uns quinze anos antes do início do processo da atual UCDB. Porém, a forte liderança do Pe. Walter não permitiu e eles se viram alijados dessa atividade. Nesse tempo a liderança inspetorial se via muito enfraquecida, vários inspetores que por aqui passaram não tinham idéia da grandeza dos sonhos desses pioneiros que, se espelhando no Pe. Carletti, pensavam muito alto em relação aos empreendimentos. Ou não tinham capacidade de reconhecer o rumo dos fatos ou não entendiam nada do ramo do ensino superior ou ainda julgavam mais fácil deixar o barco correr sob a imperiosa liderança do Pe. Walter Bocchi. A ausência de pessoas capacitadas e com habilidade para se dispor a convencer o centro inspetorial fez com que o tempo fosse longo para as iniciativas mais ousadas ou que modificariam as visões antiquadas desses dirigentes frágeis que a inspetoria recebera.

11 Pe. Ângelo fundador do CIMI e sua presença de antropólogo com os missionários

Paralelamente à sua dedicação ao ensino superior, como estivesse também presente no Museu Dom Bosco e no trabalho da confecção da Enciclopédia Bororo, esteve ao lado dos salesianos que estavam trabalhando com os índios bororo e xavante. Reconhecidamente capacitado em Antropologia, vai ser convidado a assessorar os missionários em reuniões oficiais, com representantes do governo ou com estudiosos do assunto para planejar e para estabelecer projetos consistentes de atuação de profissionais ou de missionários em relação às populações indígenas. Particularmente depois da década de sessenta, tornou-se premente a questão das terras indígenas. Tanto o governo como as instituições ligadas ao problema indígena estavam concordes de se estudar o estabelecimento de políticas comuns para a questão indígena. Duas vertentes tornaram-se decisivas: conhecimento antropológico ou científico das diversas culturas indígenas e a instituição de políticas públicas para esse setor. A necessidade da demarcação das reservas e defesa dos índios mobilizou diversos setores tanto civis, como da igreja ou de órgãos oficiais ou independentes.

Também os missionários tiveram que se envolver e tomar uma posição nova de acordo com essa nova visão quanto à questão indígena. O governo militar desejava resolver essa situação que se mostrava muito incipiente ou frágil quanto à

fundamentação teórica.

Sobre esse assunto o Pe. Mário Panziera, um dos diretores das missões dessa época deixou suas impressões assim: “Com a revolução militar de 1964, logo mais, o antigo serviço de proteção aos índios – SPI – foi extinto e criou-se a FUNAI; daí se seguiram várias visitas e encontros-seminários em Brasília. Pe. Ângelo acompanhava os missionários salesianos de MT e a nós se agregavam os salesianos do Rio Negro e os demais religiosos como os Jesuítas, os Missionários da Consolata. Os agentes da FUNAI e os antropólogos por ela assumidos se deram conta, pelas intervenções do Pe. Ângelo, pela publicação da Enciclopédia Bororo, de que se tratava de um perito e tanto; o próprio ministro Gal. Bandeira convidou o Pe. Ângelo para uma audiência particular (coube a mim acompanhá-lo), e nós missionários nos sentíamos seguros debaixo de tanto respaldo.

Tão logo terminou o primeiro encontro com a FUNAI, o Pe. Ângelo convenceu-nos a todos da importância dos encontros de estudo. O primeiro curso de formação antropológica aconteceu no Instituto Teológico dos Verbits no Santo Amaro, em São Paulo, com o Pe. Vicente César do Verbo Divino. Foi uma semana bem proveitosa; entre os palestrantes estavam: Dr. Herbert Baldus e Egon Swaden de fama mundial. O segundo curso para todos os religiosos do Brasil, foi realizado na Chácara São Vicente – Campo Grande – em 1967, aconteceu com a turma da antropóloga Profa. Tecla Hartmann – foi o melhor.

Um outro encontro de estudo foi em Brasília-DF – na Universidade Federal, além dos missionários estavam presentes Pe. Vicente César, diretor do Anthropos que estava sendo transferido de São Paulo para Brasília, também estavam presentes Dom Geraldo Sigaud, bispo de Diamantina-MG, Dom Ivo Lorscheider, da CNBB, Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia-MT, Dom Thomaz Balduino, de Goiás Velho, o bispo de Goiânia Dom Fernando e um bispo auxiliar de Brasília. No fim do curso se criou o CIMI, do qual o nosso Pe. Ângelo Venturelli foi eleito o primeiro presidente, com amplo apoio dos missionários. Vice-presidente Pe. Vicente César, secretário Pe. Egídio Schwade”.

Conforme depoimentos posteriores, Pe. Ângelo quis, tinha intenção de direcionar as atividades do CIMI para continuar os cursos de Antropologia e formar uma nova mentalidade sobre a maneira de ser missionário e de como a Igreja deveria se posicionar perante a questão cultural dos diversos povos indígenas. Como a maior parte dos integrantes desviasse o foco para questão política e principalmente tratasse de como enfrentar as atitudes governamentais, conseguiram fazer convergir as atenções para a demanda das demarcações das reservas indígenas. Perante esse fato, uma nova mentalidade do CIMI, Pe. Ângelo se retirou, deixou de participar porque não queria uma politização desse órgão da Igreja.

Tendo participado da primeira parte de animação da questão indígena, quer para nova atitude e postura dos missionários, quer aprofundando o estudo das culturas, Pe. Ângelo deu sua contribuição para que a ação missionária desenvolvesse novos padrões e, em particular, como sempre se fez no passado, serviu de apoio para a abordagem científica no estudo e nas considerações das presenças missionárias. Esse foi o início de uma nova postura também para os salesianos que trabalhavam nas missões; passaram os salesianos a adotar um novo processo de evangelização ao buscar inspiração a partir da própria cultura indígena.

12 Pe. Félix Zavattaro e Pe. Ângelo assumem a Rádio Educação Rural e o Jornal do Comércio

Na cidade de Campo Grande, na década de sessenta, os acontecimentos tinham uma visibilidade muito mais abrangente do que hoje por tantos motivos sócio-culturais, pela pouca população e pelo tempo que a comunicação levava para tornar presentes os acontecimentos. Dessa forma a igreja naquela época desejava atingir a população rural mediante o veículo mais eficiente, ou seja, a rádio. Dom Antônio obteve a concessão de uma estação de rádio muito potente para a época: uma rádio AM de ondas tropicais. Em outras regiões essa modalidade de exercer a evangelização era muito comum. Assim os salesianos em Londrina também tinham uma rádio de longo alcance. A televisão estava se espalhando e o rádio era um meio eficaz para garantir a presença da Palavra de Deus no meio rural também. Tratava-se da Rádio Educação Rural.

Ao mesmo tempo a diocese passou a comandar o Jornal do Comércio, o periódico e a tipografia. O desejo de Dom Antônio era entregar as duas atividades e respectivos meios para os salesianos. Vale notificar que desde o início eram os salesianos que levavam para frente o seminário menor construído por Dom Orlando. Havia uma ligação muito estreita entre o Sr. bispo Dom Antônio Barbosa e os salesianos.

Nesse tempo o inspetor era o Pe. Leonardo Jacuzzi que aceitou os dois encargos, o da rádio e o do jornal. Foram levados para as dependências do Colégio Dom Bosco. A tipografia e o Jornal do Comércio, sob a chefia do Pe. Félix Zavattaro, estavam sediados na esquina da Rua 14 de Julho com a Av. Mato Grosso, no antigo prédio da antiga escola Pestalozzi dos anos trinta. A Rádio Educação Rural, sob a direção do Pe. Ângelo Venturelli ficou sediada nas dependências do atual Bloco E do Colégio Dom Bosco. Mais precisamente nas salas onde, hoje, funciona o Cursinho, bem no térreo e com entrada privativa. A antena sempre ficou no terreno do Antigo Seminário. Com o funcionamento dessas duas atividades, o Sr. Bispo passou a

propriedade tanto da Rádio como do Jornal do Comércio para os salesianos. Para isso foi necessário constituir-se uma Sociedade Independente tendo como acionistas três salesianos. Pe. Ângelo sempre foi um deles.

Dessa forma, nestes tempos, o Pe. Ângelo via-se empenhado em muitas atividades: Faculdade Dom Aquino, Museu Dom Bosco, Enciclopédia Bororo e Rádio Educação Rural. Além disso, sempre foi capelão da Santa Casa. Sua comunidade era a do Colégio Dom Bosco, que era também a comunidade inspetorial.

Essas atividades perduraram por algum tempo, por alguns anos até que o Pe. Leonardo Jacuzzi deixou de ser inspetor por motivo de um acidente que lhe tirou a possibilidade de continuar à frente da inspetoria. Nesse tempo veio um novo inspetor escolhido a partir da tradição da inspetoria e muito ativo, porém se indispôs com vários salesianos e não conseguindo liderar a Inspetoria teve que ser substituído. Pe. Pedro Cometti poderia ter realizado um bom trabalho e até ter renovado a inspetoria a partir de uma tradição da qual ele era parte integrante, mas não deu certo.

Para substituir o Pe. Pedro Cometti chegou, em 1970, o Pe. Geraldo Pompeu de Campos, o segundo inspetor que viera após ser inspetor na inspetoria do Nordeste/Norte. De origem mineira, tinha permanecido no Nordeste salesiano por seis anos e chegava a Campo Grande como portador das as auras das grandes viradas pastorais que ali acontecia. Por influência de Dom Helder Câmara e de outros bispos, eram apresentadas como horizontes novos e amplos para o exercício da pastoral e da evangelização. Trouxe a inspiração mineira e os novos paradigmas da inserção nordestina. A inspetoria saía de um comando paulistano pomposo e altissonante para pretender mudanças radicais inspiradas na famosa teologia da libertação. Um panorama de gestos radicais e de renovação a partir do zero, vale dizer do abandono da identidade que se tinha para buscar outras características para se construir nova identidade. Assim, Pe. Pompeu assumiu a inspetoria e seus auxiliares mais diretos nada mais tinham a ver com o início da verdadeira construção da inspetoria a partir da chegada do Pe. Ernesto Carletti. Novos e inexperientes queriam a novidade, o antigo já não interessava mais. Essas posturas discutidas em Congressos e Capítulos inspetoriais possibilitaram a presença de salesianos que se posicionaram ao lado do inspetor para mudanças e para uma renovação geral. Durante a gestão desses quatro inspetores, Pe. Leonardo Jacuzzi, três anos, Pe. Pedro Cometti, três anos e Pe. Geraldo Pompeu, seis anos, e um quarto, Pe. Walter Bini, cujo mandato durou dois anos, a inspetoria passou por momentos de profunda reflexão sobre si mesma, de mudanças organizacionais e de inspiração teológica muito diferente.

Fatos importantes mostraram a nova feição da inspetoria edificada pela onda avassaladora da Teologia da Libertação ou de Sociologia da Libertação e do superficialismo afoito de alguns irmãos que eram detentores do comando e tentaram

impor suas idéias de governo. O fato mais importante foi a comissão de redimensionamento que pediu o fechamento de várias casas: Tupã, Lucélia, Colégio de Araguaiana, de Guiratinga e a saída de outras presenças... Além disso, aconteceu a reformulação das casas de formação e um dos resultados foi o vácuo de salesianos que deveriam ter entrado para a inspetoria nessa época. Um vazio que agora desequilibra pela falta de salesianos cujas idades deveriam variar de 45 a 55 anos para assumir com normalidade os trabalhos e ocupar postos de direção. Foi uma época de muitas experiências salvadoras enquanto propostas e cujos resultados foram pífios e insignificantes. Deixaram a impressão de nada ter sido feito.

Marcaram presença as novas posturas missionárias aliadas à postura do CIMI; perdemos o Pe. Rodolfo Lunkenbein. Depois desse fato, uma atitude vital para a sobrevivência da população Bororo aconteceu em Meruri: Pe. João Falco afastou da área indígena todas as pessoas que não fossem indígenas.

13 Pe. Ângelo passa a residir na sede da Diocese de Campo Grande com Dom Antônio Barbosa

Uma medida importante do final do governo do Pe. Geraldo Pompeu de Campos foi a unificação administrativa da Inspetoria, um fato marcante desse tempo que perdura e sempre foi muito positivo. Porém, por iniciativa dos auxiliares do Pe. Geraldo e devido às circunstâncias em que a sede inspetorial tendo sido transferida para um novo prédio perpendicular ao grande prédio do Bloco C no Colégio Dom Bosco, – cujo primeiro andar abrigou por algum tempo a Rádio e o Jornal – ... Pediram, alguns salesianos e sob ordem inspetorial, para devolver a Rádio e O Jornal à Diocese.

Esse fato causou muito constrangimento e desgosto ao Sr. Bispo Dom Antônio que, de fato, não tendo pessoas tão preparadas como o Pe. Félix e o Pe. Ângelo, temeu por essas iniciativas e manifestou sua intenção de que esses dois meios de comunicação, O Jornal do Comércio e a Rádio Educação Rural permanecessem com os salesianos. O resultado deve ter sido devastador, pois a inspetoria, ou Inspetor e seu conselho ou o seu ecônomo não quiseram e pediram para que fossem retirados das dependências do Colégio Dom Bosco. Pe. Félix e Pe. Ângelo se insurgiram e mostraram sua desaprovação ante essa resolução da inspetoria. Os dois foram convidados a acompanharem a rádio e o jornal e a residirem com o Sr. Bispo, adidos à diocese. O Pe. Ângelo adotou essa solução e o Pe. Félix preferiu abrir mão de qualquer oferta e permanecer na inspetoria.

Dessa forma, o Pe. Ângelo se retirou e passou a residir com o Sr. Bispo como salesiano adido à diocese. Assumiu a direção da Rádio Educação Rural,

mais tarde construiu ao lado da Cúria diocesana um prédio majestoso para a Rádio e ao lado um outro amplo pavilhão para o Jornal que se reduziu à Tipografia Jornal do Comércio. Trabalhou sempre ao lado de seu grande amigo e admirador Dom Antônio Barbosa a quem sempre dedicou um carinho especial e teve como leal e verdadeiro pai, como outrora encontrara em seu grande amigo da juventude, Pe. Ernesto Carletti.

13.1 Permecece com o sucessor de Dom Antônio – a diocese vende a Rádio Educação Rural e a tipografia do Jornal do Comércio

Com o falecimento de Dom Antônio, Pe. Ângelo continuou como adido à diocese e residente na casa episcopal até os seus últimos momentos, não mais como nos tempos de Dom Antônio, porém conviveu razoavelmente com o novo arcebispo, Dom Vitório Pavanello. Foram 31 anos de trabalho para a diocese na chefia da Rádio Educação Rural e da tipografia até que, em 2005, por iniciativa do Sr. Arcebispo Vitório Pavanello, a Rádio e a Tipografia foram vendidas. A Rádio passou para a Milícia da Imaculada, congregação com inúmeras emissoras com programação exclusivamente religiosa. Ao menos a finalidade principal da Rádio perdurou sob esse novo comando, porém, fora da alçada da diocese. Pe. Ângelo sentiu imensamente a perda da rádio e pretendia a todo custo que a inspetoria salesiana adquirisse a rádio do Sr. Bispo, pois ele detinha um terço das ações. Essa não foi a decisão da inspetoria e ele, com muito pesar e sofrimento, obedeceu sem se revoltar entregando tudo ao Sr. Bispo, como qualquer bom religioso.

13.3 Pe. Ângelo vai trabalhar na UCDB – finaliza o último volume da Enciclopédia Bororo

De comum acordo, o reitor da UCDB providenciou um escritório para que o Pe. Ângelo pudesse prosseguir seu trabalho inacabado, necessitava de local e sossego para terminar o último tomo da sua estimada Enciclopédia Bororo. Sua referência agora passava a ser o território da UCDB, voltava para casa depois de quase quarenta anos quando era diretor da primeira faculdade, da Faculdade Dom Aquino Corrêa de Ciências e Letras.

Estando já muito debilitado pela fraqueza de suas pernas, tendo pouco poder de locomoção, aceitou levar seu estimado escritório com todo o material que ainda pesquisara em tempos passados para continuar o último texto do quarto volume da Enciclopédia Bororo. Todo santo dia comparecia à UCDB para trabalhar e marcar

presença até o dia em que, debilitado e sob o peso de seus noventa anos, teve que ser internado.

13.4 Seu falecimento

Também retornou para onde, por muitos e muitos anos sempre estivera para atender os doentes e rezar as Santas Missas das dezenove horas aos domingos. Foi internado na Santa Casa e atendido com muito cuidado e carinho. Não reagiu ante a presença de todos os recursos que lhe foram apresentados. Seu coração não resistiu e, após vinte dias de hospital, faleceu na manhã do dia 19 de maio de 2006.

Seu corpo foi levado para outro lugar que freqüentou por longo período de sua vida, para a capela do Colégio Dom Bosco. Velado o tempo todo por seus grandes amigos e por admiradores teve um dia e meio de velório e contou com a oração simples, mas carinhosa dos salesianos jovens e antigos. Mas quem esteve sempre a seu lado para se despedir, manifestar gratidão e amizade foram os seus colaboradores mais próximos, pessoas de idade que tiveram a oportunidade de trabalhar, de conviver com ele nos tempos de seu pleno vigor de entusiasmo para realizações e para presenças significativas em nome dos salesianos e da igreja.

A admiração das pessoas ali presentes e que o conheceram em tempos de trabalho intenso e ali, ao prestaram-lhe a homenagem devida pelo reconhecimento de sua dedicação e de suas realizações... Foi um fato notável.

14 Sobre as diversas atividades que Pe. Ângelo manteve – seu currículo de antropólogo e professor

Seu currículo é muito extenso. Nele, tudo foi muito bem exposto e ordenado ao indicar todas as suas realizações e publicações, bem como seus extensivos anos de magistério. Ao contemplar seus apontamentos de currículo, nota-se que a primeira parte de professor alicerçou e possibilitou a segunda parte que são os cargos de chefia do Museu, da Faculdade Dom Aquino, da Rádio Educação Rural, da Tipografia Jornal do Comércio, do Museu. A segunda parte foi marcada pelas inúmeras palestras em diversos lugares do Brasil, por seminários e cursos que assessorou e que tiveram como base o seu excelente início de atividade pedagógica como professor. Teve sempre a seu lado os exemplos de bons professores segundo os moldes daquela época, os irmãos salesianos Pe. Félix Zavattaro, Pe. Francisco Agreiter, Pe. Francisco Czaplá, além dos bons exemplos de realizações e de administração principalmente nas pessoas do Pe. Félix e do Pe. Constantino de Monte. Porém, cumpre lembrar que o principal amigo da juventude que o ampa-

rou em suas iniciativas e na perícia na arte de ser docente e de comandar foi o Pe. Ernesto Carletti.

Também são dignas de nota as honorificências que recebeu de algumas entidades de renome. Recebeu a medalha do Mérito Indigenista, no setor de Ciências pelo ministério do Interior; a Cruz da Solidariedade Italiana, no grau de Cavaleiro, outorgada pela República Italiana; Medalha Marechal Rondon, pela Sociedade Geográfica de São Paulo. Foi também Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Conselheiro titular do Conselho Estadual de Cultura do Mato Grosso do Sul; Acadêmico “Honoris Causa” da Academia Brasileira de Belas Artes – Rio de Janeiro. Como especialista, participou de inúmeros encontros e congressos sobre cultura e sobre cultura indígena em diversas instituições do Brasil e de outras nações. Pode-se afirmar que contribuiu eficazmente com o desejo do seu amigo Pe. Carletti: “contribuiu para que a inspetoria desse uma virada!”

Mais tarde, tornou-se um administrador competente enquanto dirigiu com eficácia a Rádio Educação Rural e a Tipografia, duas instituições que lhe permitiram realizar outras atividades também em prol da diocese. Em tudo se ateve como sacerdote salesiano, mesmo durante o longo período em que esteve adido à diocese. Ao falecer, todos puderam constatar que nada de pessoal possuía, além de sua roupa e de uma bengala para se apoiar.

15 Tantos anos de capelão da Santa Casa e suas missas aos domingos na capela da Santa Casa

Uma das atividades a que o Pe. Ângelo foi muito fiel e pela qual foi muito prestigiado pela gratidão de quem o conheceu desde 1950 foi sua permanência durante todo esse período como capelão da Santa Casa. Em especial foi sempre fiel às celebrações dominicais das 19 horas; da mesma sorte foi fiel às missas aos domingos na Rádio Educação Rural, transmitida sempre para os fiéis das fazendas, em especial para as famílias do Pantanal. Enquanto foi diretor da rádio manteve essa programação como meio de uma presença do Evangelho através das ondas médias da rádio.

Nas missas dominicais tinha uma comunidade cativa e fiel. Devido ao estilo de sua celebração, sóbria e com homilia muito simples, mas sempre muito arguta, soube entusiasmar a vivência da fé e a participação de seus conhecidos e amigos na eucaristia. Sempre suas homilias foram bem fundamentadas e com arrazoados de uma lógica evidente com seu modo de se colocar perante a vida, com muita clareza e sinceridade. Dessa forma explicava a mensagem do evangelho dominical aos fiéis. Nos últimos anos também procurou formar e instruir os seus fiéis no

conhecimento da doutrina e no entendimento da Sagrada Escritura mediante um boletim muito simples, mas bem elaborado em suas mensagens. Esse foi o tom sacerdotal de sua atuação perante a sociedade de Campo Grande.

16 Considerações sobre a vida salesiana do Pe. Ângelo e de seus colegas ao lado do Pe. Carletti no desenvolvimento da vida da Inspetoria de Mato Grosso

Ao considerar a trajetória da vida do Pe. Ângelo, um sentimento de integração no tempo e nas modalidades em que a vida salesiana aconteceu neste território da Missão Salesiana torna-se candente e palpável. É tão evidente que provoca em quem se aprofunda um pouco na consideração das circunstâncias históricas, nas grandes diferenças no *modus vivendi* do século passado, porque a cultura e o desenvolvimento do mundo eram outros, – uma verdadeira admiração e um sentimento de gratidão por ele e pelo grupo de salesianos liderados pelo novel Inspetor, Pe. Ernesto Carletti.

Usa-se o termo de 'refundação' da inspetoria na consideração da vida impulsionada pelo élan do coração generoso do Pe. Carletti que infundiu força, coragem, ânimo e mostrou as possibilidades para o desenvolvimento da atividade educativa, missionária, evangelizadora da vida salesiana.

O grupo do Pe. Ângelo deixou-se entusiasmar e mostrou-se capaz, com poucas exceções, para levar avante as frentes de trabalho e as novas presenças que o Pe. Carletti lhes proporcionara como campo vasto de trabalho. Teve ânimo para iniciar e conduzir as iniciativas em concretizações bem salesianas como foram as escolas, o trabalho missionário, a pesquisa científica e a consolidação da presença salesiana em todas as fases do ensino, culminando com a instauração do ensino superior e com a UCDB.

16.1 O entusiasmo inicial

O ardor missionário para o trabalho era o sucedâneo natural para os salesianos jovens que tiveram coragem para abandonar a própria terra, as famílias e se trasladarem para uma terra diferente principalmente pela cultura e por ser um país tipicamente rural, onde as cidades eram referências para o futuro e a visão comum era que tudo estava para acontecer ainda.

A evangelização pelo atendimento das populações mais remotas, a presença entre as populações indígenas e a dedicação para com a educação e promoção dos jovens eram os vastos horizontes que se concretizavam em cada presença.

Ao lado de uma escola sempre foi inaugurado um oratório festivo; as escolas profissionais também foram um fator importante na promoção social para o trabalho e sustentação dos jovens.

Ante esse panorama, onde o futuro sempre se antevia como construção, Pe. Ângelo permitiu que houvesse lugar para todos se dedicarem com afinco ao trabalho e iniciar presenças muito significativas para as cidades e para os jovens que necessitavam de instrução.

Coragem não faltou, ânimo vinha da fé na vivência educativa do sistema preventivo, a alegria era contagiante e ao redor das comunidades, o trabalho salesiano foi se concretizando em consolidadas obras que são atualmente muito significativas como o foram a vida desses missionários, em particular a vida do Pe. Ângelo e de seus companheiros.

Sobre esse entusiasmo o Pe. Mário Panziera testemunha: "Os Padres Félix Zavattaro e Ângelo Venturelli, mais tarde. Heitor Castoldi, Pe. Pedro Mélisi que contribuía com sua amizade e dava respaldo financeiro, eram intelectuais, mas muito pés no chão, herdeiros de um grande sonhador, realizador de utopias como o Pe. Carletti, que transformava em heróis os salesianos de que dispunha e abriu colégios como o Ateneu Dom Bosco em Goiânia, em Lins, em Tupã, que causavam admiração fora da própria inspetoria de MT; quando eu cheguei no Rio de Janeiro em 1947, o Pe. Daniel Fedher, ecônomo do Santa Rosa de Niterói, me dizia: - "a vossa inspetoria tem colégios que ultrapassam os nossos em volume de alunos!" Eles admiravam a coragem do Pe. Ernesto Carletti. Reitera o Pe. Mário Pansiera que naquela época havia uma só inspetoria abrangendo as três atuais, a de S. Paulo, a de Minas Gérias e a de Porto Alegre. Nessa direção se moviam os nossos padres Félix e Ângelo; quando em fins de 1968, no governo dos três ministros das forças armadas, em substituição ao Presidente Costa e Silva, foi o Pe. Félix que aplicou a lei de equiparação dos estudos dos seminaristas a todos os salesianos... Era esta a especialidade da equipe, ver as possibilidades de realizar utopias onde outros não atinavam!" Com essa declaração completa-se uma parte do perfil do Pe. Ângelo em lutar pelo bem da congregação.

16.2 Nos passos dos ensinamentos de Dom Bosco – a pesquisa científica e o estudo da Antropologia

Quando as levas de missionários partiam da Itália sendo enviados pelo próprio Dom Bosco, sempre receberam dele orientações precisas para que documentassem o próprio trabalho e não deixassem de se interessar pelos estudos da região onde atuassem. Essa recomendação produziu obras muito significativas na

Argentina em termos de pesquisa, de estudos sobre a região sul da Argentina e das populações autóctones. Uma brilhante faculdade de Enologia na região propicia à produção de uvas especiais honra de forma muito significativa a ação salesiana desde o final do século XIX até os dias de hoje.

Semelhantemente, os missionários que vieram para o Mato Grosso, capitaneados por Mons Luís Lasagna, tiveram uma atuação brilhante como pesquisadores. Em primeiro lugar é necessário lembrar os estudiosos primeiros da língua bororo, Pe. Pessina e Pe. Bálzola. Posteriormente, o Pe. Colbacchini publicou estudo mais amplo sobre os bororo e nesse rumo estão os volumes da Enciclopédia Bororo do Pe. César Alabizetti e do Pe. Ângelo Venturelli. Ao lado deles devem ser nomeados os pesquisadores da cultura e língua xavante: Pe. Pedro Gawlik, Me. Adalberto Heide, Pe. Bartolemeo Giaccaria, Pe. Georg Lachnitt.

Da turma dos colegas do Pe. Ângelo surgiu, na esteira de Dom Aquino, um escritor, Pe. Pedro Cometti que, além da biografia de seu patrono Dom Aquino, escreveu livros de orientação para a educação de filhos, para uma honesta construção do casal, cujas tiragens foram significativas a ponto de ser traduzido para o espanhol.

Para o Pe. Ângelo e Pe. Félix, a pesquisa teve um suporte e uma complementação única na instituição do ensino superior para onde, ao emigrar com seus trabalhos, instituíram uma das mais significativas e brilhantes realidades que identificam e particularizam a Inspetoria de Mato Grosso na Congregação Salesiana: uniram o trabalho da pesquisa ao seu suporte natural, à universidade. Dessa forma, após essa atuação, o trabalho missionário enquanto se apresenta como estudo, reflexão e pesquisa, tem tido na UCDB o seu respaldo natural e cujo modelo serviu para uma especial atuação dos professores universitários em prol das populações indígenas do Mato Grosso do Sul. A relação pesquisa e ação missionária uniram-se ao ensino universitário; este fato possibilitou também a graduação de professores indígenas para as suas escolas nas aldeias. Nesse particular esteve e estará presente a atuação missionária ao conferir mediante o ensino a característica salesiana perpassada pelo sistema preventivo.

Da mesma forma, os professores leigos da UCDB estão realizando um trabalho junto às populações indígenas de assessoria e orientação, com a presença de estagiários como alternativa ao que os missionários realizaram no passado e no presente em relação às nações indígenas xavante e bororo. Essa união do trabalho missionário com a UCDB possibilitou a passagem do Museu Dom Bosco para a área universitária. O museu também tornou-se uma forma especial e técnica do agir salesiano em prol das populações indígenas. Recentemente um prêmio foi ganho pela ação metodológica do museu, sob a orientação dos seus dirigentes, junto às

populações indígenas do Mato Grosso do Sul. A especialidade dessa ação veio através das posturas metodológicas de um processo de ativação cultural dos povos indígenas a partir da revitalização dos objetos, dos rituais e dos conhecimentos tribais. Pode-se afirmar então que esse elo – trabalho de pesquisa e ação missionária, de alguma forma, está vivo e age de forma diferente como presença missionária salesiana, hoje. Essa ação atual tem como raiz o processo inaugurado pela intervenção, ação e produção do Pe. Ângelo, do Pe. Félix, Pe. César e de muitos outros missionários que souberam traduzir o espírito salesiano em gestos concretos bem contextualizados.

Pe. Ângelo contribuiu para que essa característica salesiana tivesse a vida exuberante que vibra e age hoje na inspetoria de Mato Grosso. Sendo uma característica não muito individualizada ou ainda não muito comentada, está agora obtendo uma divulgação bem merecida.

16.3 A promoção do Ensino Universitário

Outra atividade que salesianamente marcou a vida religiosa do Pe. Ângelo foi o ensino, a docência como atuação pedagógica eficaz na expressão dos valores do sistema preventivo, do espírito salesiano. Essa atuação teve início após os estudos de Filosofia em livros vindos na bagagem quando de sua viagem para o Brasil. Em lugar tão remoto, Cuiabá, os salesianos estudavam em manuais usados no centro da Congregação e tinham professores capazes de estimulá-los a estudar e aprofundar na arte do raciocínio. A raiz européia desse estudo passou-lhes, aos salesianos daquele tempo, uma segurança incomum uma vez que, ao lado, estavam as figuras que haviam estudado na Europa e legitimavam as posturas do estudo do Casarão do Seminário da Conceição – Dom Francisco de Aquino Corrêa e o Pe. Luís Sutura que, além de diretor da casa, era o vigário-geral. Dom Francisco pelo saber adquirido e pela vasta cultura, Pe. Sutura tinha sido inspetor em Portugal e no Oriente Médio. Esses dois salesianos falavam muito somente pela presença, transmitiram a segurança de uma confirmação para avançar, trabalhar, sonhar e muito realizar. Entre eles e os estudantes reinava uma admiração recíproca e por parte dos salesianos jovens, muita consideração e carinho.

Quando Pe. Ângelo iniciou seu tirocínio e seu magistério como professor, surgiu a figura muito importante de Dom Emanuel, bispo de Goiânia, que apoiava os avanços dos salesianos no campo dos estudos. Pe. Ângelo permitiu com sua atuação de professor de Física e Química, também de Desenho que o colégio oferecesse o título de “Bacharel”! Para se entender a magnitude dessa atuação salesiana sempre é bom recordar que a USP – Universidade de São Paulo – tinha

sido fundada há pouco, em 1932! E isso acontecia no colégio de Silvânia em 1936/1938.

Posteriormente, Pe. Ângelo e Pe. Félix lecionaram, em 1948/1949 numa incipiente faculdade fundada por Dom Emanuel. Esses dois fatos com diferença de dez anos, marcaram o espírito empreendedor dos dois, do Pe. Félix e do Pe. Ângelo – aquilo que experienciaram de bom, queriam-no para os salesianos, para sua querida inspetoria de Mato Grosso. Essas experiências foram as matrizes para, uma década depois, na década de cinquenta, tentar iniciar o ensino superior em Campo Grande para onde foram transferidos muito a contra-gosto.

Finalmente, em 1962, depois de tantas tentativas, quase trinta anos depois, eles, Pe. Félix e Pe. Ângelo conseguiram o ensino superior para Campo Grande. Da Faculdade Dom Aquino até a UCDB, foi questão de tempo. Porém já haviam passado por muitas outras vicissitudes e não eram eles mais que detinham o comando. Outros salesianos continuaram e desenvolveram suas obras iniciadas. De 1936/1938 até 1994/1995, foram as décadas que a história requisitou para que o ensino superior atingisse seu ponto ideal: a universidade. Poderia, se eles ainda estivessem no comando, ter sido menor o tempo, mas as pessoas que comandavam não tiveram a agilidade ou ousadia que ele e o Pe. Félix mostraram desde o início.

A persistência desses dois salesianos, e de outros que os apoiavam, trouxe para a inspetoria sempre o que melhor existia para expressar o desejo de Dom Bosco de estar na “vanguarda”, ou em outras palavras da tradição salesiana: “Com Dom Bosco e com os tempos!”. Pe. Ângelo contribuiu a seu modo para que o ensino superior em Campo Grande aportasse com a feição da modernização, do progresso, da otimização da ação educativa dos salesianos. Dessa forma o fundador do Colégio Dom Bosco, Pe. João Pian, pôde perceber que a exortação de Dom Rinaldi, terceiro sucessor de Dom Bosco, sobre Campo Grande – Campo Grande! Campo Grande! Campo Grande! (indicando que seria um lugar muito importante...) – aconteceu dessa forma, mediante a atuação dos salesianos em diversas áreas, em especial no Ensino Universitário, com o Museu Dom Bosco, com as obras sociais e com tantas paróquias.

Ao contemplar a história, os salesianos de hoje, jovens e mais avançados em idade, perante o vigor da presença do Pe. Ângelo, somente podem ter uma postura de reconhecimento de seu valor e de muita alegria contaminada por um tempero saboroso de gratidão a Deus por ter encaminhado o Pe. Ângelo para esse território. A ele os salesianos devotam um sentimento de gratidão e de exultação pela sua atuação como salesiano corajoso e audaz!

17 Os ideais entusiasmantes do Pe. Carletti concretizaram-se através do grupo de salesianos em que Pe. Ângelo e Pe. Félix se mostraram muito capazes

A história da inspetoria de Mato Grosso ou Missão Salesiana de Mato Grosso chegou até hoje marcada por grandes personalidades e por fatos marcantes. Entre os fatos importantes alguns merecem destaque: a fundação das primeiras missões ao longo da linha telegráfica em 1902; a chegada dos xavante em São Marcos e Sangradouro em 1956-1958; a fundação do Colégio Dom Bosco em 1930, a fundação de vários colégios no oeste paulista na década de quarenta; a morte violenta de quatro salesianos em busca e em defesa dos indígenas; a fundação do Museu Dom Bosco em 1949; o ensino universitário a partir de 1962... e outros. Entre esses 'outros', pode-se situar a presença de dois grandes inspetores: Dom Malan e Pe. Ernesto Carletti.

Com a vinda do Pe. Carletti, em 1932, praticamente a inspetoria foi novamente fundada em valores que esse salesiano entusiasmadíssimo trouxe e conseguiu disseminar na vida das comunidades e no coração, na alma dos salesianos que passaram a se dedicar com muito ânimo nas obras que ele iniciou em seus 12 anos de governo.

Pe. Ângelo era amigo pessoal do Pe. Carletti. Esse estimado salesiano sempre foi a referência de suas posturas e da legitimação do espírito salesiano como vida ou como espírito e metodologia de ação para todos. Assim se pode entender o poder dos valores de que a pessoa do Pe. Carletti era portadora a ponto de transmiti-los, de nobremente ser o portador do espírito genuíno salesiano capaz de dedicação, sacrifício, entusiasmo e de muita alegria. Essas atitudes não suprimiram nunca os limites e os defeitos das pessoas, dos salesianos, mas levavam a todos a ultrapassar as dificuldades, a acreditar na grandeza do espírito salesiano como sempre foi, uma oferta muito digna à formação de tantas gerações de jovens para essa região. Essas certezas vivenciadas pela pessoa amável e impetuosa do Pe. Carletti impelia os salesianos novos da época a se dedicarem ao máximo no trabalho, a desenvolverem e acreditarem nos próprios dons para tornar muito digna a vida salesiana. Esse conjunto de valores, uma vez vivenciados pelo inspetor em contato com as comunidades, sempre muito isoladas pelas dificuldades de locomoção e pelas distâncias, tornou-se a fonte do élan da vida salesiana e do entusiasmo com que todos se dedicavam às atividades apostólicas em prol dos jovens. Uma liderança pelos valores da espiritualidade salesiana provocou e permitiu que personalidades entusiastas, empreendedoras surgissem e realizassem obras importantes, como foi o caso do Pe. Ângelo e do Pe. Félix, sem nomear outros... somente

assim o panorama atual da inspetoria tem, em sua história, a dimensão da grandeza desses heróicos salesianos que, em tempos muito mais difíceis que os atuais, impelidos pelos valores da espiritualidade salesiana, realizaram e edificaram tantas atividades. A eles o reconhecimento atual manifesta um reconhecimento de sua importância na construção da imagem dos salesianos aqui, nesta região!

17.1 A convivência com Dom Francisco de Aquino Corrêa

Além da convivência muito amiga do Pe. Carletti, esse grupo teve outro personagem que os influenciou sobremaneira, Dom Aquino.

Sempre muito isolado e sem alguém para conviver diariamente em sua residência, a presença dos noviços e estudantes de Filosofia residentes sob o mesmo teto do Seminário da Conceição, Dom Aquino encontrou em sua antiga vida de comunidade, quando religioso, a possibilidade diária de conversar, alegrar-se e conviver com a força da juventude dos noviços e estudantes que tinham na força de seus dezoito e vinte anos a exuberância e a graça da juventude.

Dessa convivência, eles herdaram e testemunharam a suprema simplicidade e nobreza de trato do Sr. Bispo, aprenderam normas de etiqueta, aprenderam o Português com maestria e de forma galante do seu linguajar parnasiano, puríssimo. Das conversas e dos relatos viram com que santidade se podia viver e ser solene na proximidade com as pessoas e com as celebrações. Viram a nobreza de alma do Sr. Bispo transparecer salesianamente nas celebrações, nas orações e nas homilias ou discursos. Dom Aquino se doou em sua simpatia ao grupo de salesianos que iniciavam sua vida aqui no Brasil e dessa reciprocidade, porque os rapazes apreciaram muito sua presença e dele buscavam imitar as posturas, nasceram personalidades como a do Pe. Ângelo, do Pe. Cometti, do Pe. Sílvio, do Me. Francisco Arese... Salesianos exemplares como religiosos, educadíssimos a partir do modelo e da veneranda pessoa de Dom Aquino. Talvez os salesianos ainda não souberam manifestar essa devida gratidão e reconhecimento ao sr. Bispo Dom Aquino.

Pe. Ângelo sempre falou e escreveu muito bem, reconhecidamente, sobre Dom Aquino.

Na biografia de Dom Aquino escrita pelo Pe. Pedro Cometti, colega do Pe. Ângelo, está registrado com muito carinho: "Pe. Ângelo Jayme Venturelli, conceituado antropólogo e membro da Academia Sul-mato-grossense de Letras desde 1934, como noviço e estudante de Filosofia, teve a dita de conviver com Dom Aquino, de aproveitar de suas aulas de Português e alimentar a alma de noviço e de jovem religioso com as sábias palestras em que, todos os meses, nos encantava e edificava.

Dele transcrevemos do exórdio do discurso que proferiu na comemoração do Centenário do nascimento do Arcebispo: “Não foram certamente as lantejoulas douradas, que tanto afagam a vaidade humana, amealhadas no Parnaso, no púlpito ou na tribuna, que fizeram a grandeza de Dom Aquino. Ele foi e é grande, porque agradou a Deus em toda a sua vida: “sacerdos magnus qui in diebus suis placuit Deo!”. Porque foi Sacerdote, pontífice, Construtor de virtudes: “sacerdos et pontifex et virtutum opifex”. Foi o verdadeiro pontífice na acepção etimológica da palavra, construtor de pontes entre Deus e o homem.

Foi sacerdote sempre: na vida ilibada e apostólica, nas pregações, no magistério, nas cartas pastorais, nos discursos, na poesia, na prosa, na política.

Sua divisa: santifica in veritate, “santifica na verdade”, não foi somente um prateado e heráldico adorno, mas um programa vivido e realizado” (Pe. Pedro Cometti; Dom Aquino Corrêa – Arcebispo de Cuiabá. *Vida e Obra*, 1994. p.507).

Ao lado do Pe. Ernesto Carletti, Dom Aquino foi muito importante para a formação e para a atuação dos salesianos daqueles tempos. Ainda hoje a inspetoria se reporta a esse tempo quando torna obrigatória a leitura de uma biografia do salesiano – Pe. Armino de Oliveira – onde aparece com detalhes e maestria a descrição da vida salesiana no início do século XX em Cuiabá, pelas mãos e pelo coração de Dom Aquino. Continua ele ainda sendo uma inspiração na formação dos atuais jovens noviços salesianos.

18 Pe. Ângelo uma vida rodeada de amigos e de muitas realizações

A partir de sua mudança de vida, quando foi morar com o Sr. Bispo Dom Antônio, deixando a convivência da comunidade salesiana, continuou com suas relações de amizade na cidade de Campo Grande, onde estabelecera relações com muitas pessoas que o consideravam, por ser salesiano e por sua postura de sacerdote, de modo especial ao rezar a missa das 19h aos domingos na capela da Santa Casa. Logicamente depois de mais de trinta anos fora da comunidade salesiana, desenvolveu um *modus vivendi* próprio. Enquanto se ocupou com a diretoria da Rádio Educação Rural, tudo acontecia a partir deste posto de comando. Uma vez que perdera o seu grande amigo, Dom Antônio Barbosa, passou a travar uma batalha pela sobrevivência; sua saúde combalida merecia cuidados e estava temeroso, pois temia perder o seu último reduto de trabalho, a direção da rádio. Assim foram os seus últimos anos.

Finalmente, ao perder a rádio encontrou o caminho, já muito combalido em seu estado de subsistência, fez por merecer a atenção de seus amigos. Aqui

vamos expressar a gratidão por todas aquelas famílias que foram fiéis ao Pe. Ângelo, entre elas destacamos a família do Dr. Cleómenes Nunes da Cunha e Sra. Cila; Sr. Antônio Barbosa e Sra. Lacy; Dr. Mandeta; Dr. Etienne Palhano; Dr. Ailton Guerra; Dr. Humberto Canale e Senhora; Senador Antonio Mendes Canale e Sra. Marisa; Aparecida Maria de Jesus; Dr. Osvaldo Borges; Dr. Renato Ribeiro e D. Mocinha; Dr. Mauro Corrêa e Sra. Rosa Maria Ribeiro Corrêa; Dr. Nachif e Senhora.; Dr. Fausto Matogrosso e Dra. Maria Augusta Rahe Matogrosso; Sra. Moreli Arantes; Sra. Lucia Coelho Barbosa; Ir. Margarida; José Palhano e família; Profa. Wanda Nogueira e tantos outros que cuidaram da velhice do Pe. Ângelo como cuidariam de um irmão ou de um parente próximo.

O reconhecimento de tantas pessoas pela sua dedicação e o carinho dos muitos amigos indicam o quanto Pe. Ângelo escolheu esta cidade para sua terra, para sua pátria e que esses amigos tenham sido os seus verdadeiros parentes por uma linhagem única, a do afeto e a da dedicação.

Viveu consolado por essa demonstração de verdadeiro afeto destas pessoas que lhe eram mais que irmãos porque lhe dedicavam um sentimento de cuidado que incluía o sentimento de pertença. Além disso, houve as demonstrações de reconhecimento por parte de tantas pessoas desta cidade que merecidamente lhe demonstraram carinho e afeição pelo que ele fez pela cidade e pela cultura aqui no estado.

Dessa forma e com esse conjunto de pessoas que lhe devotavam um reconhecimento sincero de estima, passou os seus últimos anos, em particular os seus últimos meses. Deve ter sido muito consolador para ele essa demonstração de carinho e afeto por tantos amigos que se fizeram próximos e manifestaram-se interessados em saber se ele, o estimado e vigoroso Pe. Ângelo, estava sendo acompanhado e se tinha todos os cuidados para que os seus últimos dias fossem de reconhecimento por tudo o que fizera de bom, de fiel e de muita dedicação.

Pode-se afirmar que os seus amigos, suas famílias foram muito carinhosos com ele. Não lhe faltaram as manifestações de carinho e de amor fraterno, de amor verdadeiro, de bem-querer e de muita amizade.

19 A gratidão da inspetoria ao Pe. Ângelo e aos salesianos realizadores dos sonhos do Pe. Ernesto Carletti para tornar a Inspetoria de Mato Grosso muito significativa ante os homens e aos olhos de Dom Bosco

Ao encerrar essas afirmações sobre a vida e os trabalhos do Pe. Ângelo surgem tantos sentimentos perante sua vida tão rica de realizações, de idéias e dedicação, sentimentos de admiração, de surpresa; mas entre todos o que se impõe é o sentimento de profunda gratidão a ele, a seus colegas que souberam se dedicar com carinho e com persistência na consecução dos sonhos que alimentaram o entusiasmo daquele grupo de noviços que reinauguraram o Seminário da Conceição de Cuiabá, em 1934, como casa de formação e se tornaram os detentores dos entusiasmos do Pe. Ernesto Carletti, possibilitando a refundação da inspetoria de Campo Grande.

Pe. Ângelo, como figura capaz de realizações que comandaram a história da presença salesiana na inspetoria, será sempre admirado e reconhecido. Tal fato não impede que se façam observações sobre seu modo de ter vivido a vida religiosa na exemplaridade das vivências comuns da vida comunitária; porém, sempre trabalhou como filho de Dom Bosco em prol da inspetoria e do nome dos salesianos; empenhou-se em sempre realizar seus trabalhos em nome da Congregação, da educação e de evangelização. Sempre se mostrou um digno filho da Congregação. Nesse sentido seria bom salientar o quanto fez em nome da Igreja pela evangelização da cultura, para que o nome dos salesianos e, por conseguinte, da Igreja, sempre estivesse em primeiro lugar.

Sua vida religiosa, expressando sua entrega ao caminho de santificação através da espiritualidade salesiana, foi expressiva, pois trabalhou muito para a edificação do Reino de Deus onde estava. Campo Grande é merecedora de sua vida e de sua dedicação como educador e como cientista salesiano. Sua vida edificou o Reino e seu legado enobrece a inspetoria salesiana de Campo Grande. A ele a nossa reconhecida e imensa gratidão!

Campo Grande, 29 de julho de 2006.

Pe. Afonso de Castro – Inspetor BCG.

Palavras do Dr. Cleómenes Nunes da Cunha

(Por ocasião da solenidade do título de Doutor Honoris Causa conferido ao Pe. Ângelo na UCDB.)

Meus Senhores, minhas Senhoras!

Difícil, bastante difícil, alinhar em breves palavras e num lapso de tempo relativamente curto, exaltação a personalidade que, possuindo “alma de artista”, é também “um bandeirante da investigação sistemática”, conforme deixou expresso um de seus Superiores e que a tais predicados, por tantos admirado, agrega, como sempre lembrava um de seus irmãos de fé com quem, junto, enfrentou tantas vicissitudes e provas, “a constância, a amizade, o reconhecimento, a inteligência, a disponibilidade, a humildade e a dedicação”.

Os conceitos que, subscrevendo, endosso plenamente, foram expendidos pelo saudoso Pe. Guido Barra, então Inspetor Salesiano, e pelo notável e sempre lembrado Pe. Félix Zavattaro, honra e glória da Congregação Salesiana.

Tento falar-lhes do religioso sério, dedicado e estudioso, dono de um coração enorme, que busca disfarçar atrás de um rosto, que, embora tentando ser sisudo, não consegue dissimular a face verdadeira da bondade e do amor ao próximo que ali estão sempre presentes quando se trata de auxiliar a quantos busquem uma palavra amiga ou uma ajuda nos momentos penosos.

Pretendo, de alguma forma, retratar a figura ímpar do Pe. Ângelo Jayme Venturelli homem que aprendi a conhecer e a admirar e com quem tive o privilégio de trabalhar por vários lustros e de cuja amizade, hoje cinquentenária, muito me orgulho.

Reafirmo que não é fácil a tarefa, eis que estamos diante de um cidadão ímpar, portador de incontáveis dotes religiosos e intelectuais e que, em razão disso, não permitem uma simples abordagem, tratando-o de um único ângulo.

Sisudo? Nem tanto. Sensível, isto sim. Sua sensibilidade aflora na grande obra que, juntamente com o saudoso Pe. César Albisetti, dedicou ao mundo intelectual – a Enciclopédia Bororo – quando, por meio de sua pena leve e brilhante, sem descurar do aspecto científico, tratou a questão indígena com poesia e temura, levando o festejado Claude Levy Strauss, ao apresentar um dos volumes desse trabalho, a abandonar o rigor científico de suas observações para, após destacar o novo ângulo e a perspectiva original com que o trabalho tratava a cultura Bororo, registrar “o intenso sentimento estético manifestado por esses cantos que não se cansam de evocar o esplendor das paisagens, a graça dos animais e a delicadeza das flores”.

Italiano de nascimento, brasileiro de coração, Pe. Ângelo partiu do porto de Gênova a 9 de novembro de 1933, com um grupo de missionários que se dirigiam ao Mato Grosso. Estava com 17 anos e, conforme escreveu, “no molhe, que se afastava, pessoas caras acenavam lenços numa última despedida”. Dentre elas estava a senhora Olímpia, sua mãe e que ele não mais tornaria a ver.

Desembarcou no Rio de Janeiro e, destinando-se a Cuiabá, passou antes por São Paulo, dirigindo-se depois a Santos donde, por navio fez escalas em Montevideu, Rosário, Assunção, Porto Murtinho, Corumbá para, finalmente, aportar à capital de Mato Grosso.

Em breve passagem por Corumbá conheceu dois salesianos que, no futuro, teriam grande expressão em sua vida: o sacerdote diretor do Colégio Santa Teresa, Francisco Czaplá e o clérigo que os levou a visitar a cidade: Félix Zavattaro.

Batina preta, chapéu preto, colarinho de celulóide, desembarcavam na capital do estado os novos missionários salesianos, dentre eles o Pe. Ângelo Jayme Venturelli cuja iniciação religiosa havia feito no Seminário de Ivreia. Filosofia e Pedagogia foram concluídos em Cuiabá, em 1936 e, afinal, em 1944, após cursar teologia no Pio XI, de São Paulo, foi ordenado sacerdote.

Já como aspirante despertou a atenção de seus superiores pela inteligência e dedicação aos estudos, sendo, na segunda metade do terceiro ano de tirocínio, convidado a se preparar para prestar os exames vestibulares na Universidade Gregoriana. A Segunda Guerra Mundial, entretanto, obrigou-o a renunciar à Gregoriana e a fazer um quarto ano em razão da falta de pessoal nos colégios.

Padre Ângelo, como clérigo ou como sacerdote, trabalhou em Goiás (Silvânia e Goiânia), dedicando, porém, a maior parte de sua vida a Mato Grosso, tendo exercido seu magistério, além de Campo Grande, em Ponta Porã, Corumbá e Cuiabá. Lecionou, ainda, durante algum tempo, na qualidade de titular da cadeira de Antropologia e Etnografia, na Faculdade “Auxilium”, de Lins, no estado de São Paulo.

A grandeza da vida e dos exemplos daquele que hoje homenageamos haverá de enriquecer as pálidas palavras que retratarão as variadas e distintas faces de Pe. Ângelo.

O artista: exímio cultor da arte fotográfica foi o responsável pelo registro, no que foi auxiliado por algum tempo pelo Mestre Salvador Porto, da memória histórica do Colégio Dom Bosco na década de 1950. Ainda no campo da fotografia vale destacar sua dedicação com o registro das peças bororo, xavante, tucano e aharaibo que determinou a organização de milhares de fichas descritivas do acervo do Museu Regional Dom Bosco. Como um dos autores da Enciclopédia Bororo é o

responsável por – creio eu- mais de 90% das fotos que enriquecem as descrições ali encontradas. Responsável, ainda, pela realização de filmes de curta metragem sobre a vida dos índios de Mato Grosso e do Amazonas.

Dono de fina sensibilidade, foi durante muito tempo mestre de canto dos alunos do Colégio Dom Bosco encarregando-se, ainda, dos ensaios da parte musical das celebrações religiosas e academias que, com frequência, eram realizadas no tradicional educandário. Pe. Ângelo, virtuoso pianista, guarda para si algumas belíssimas composições de sua lavra e que são conhecidas por pouquíssimos de seus íntimos amigos.

Aproveita hoje, com rara felicidade, seus dotes artísticos, como adido ao serviço do Arcebispado, administrando a Rádio Educação Rural e a tipografia do Jornal do Comércio.

O professor: estudioso constante e alma generosa, jamais deixou de repartir com os que o cercavam o muito que sabe. Solicitado pelos superiores, dadas as circunstâncias que, como pioneiros, os salesianos enfrentaram ao longo de seu trabalho em Mato Grosso, jamais se furtou a assumir a direção de uma cátedra que reclamava um docente com alguma especialização. Era, nesse ponto, autêntico cultor da máxima de Dom Bosco de que “a obediência faz milagres”. Assim, vamos encontrar Pe. Ângelo repartindo seus conhecimentos, entre 1937 e 1956, com atentos alunos que ainda hoje guardam lembranças de suas notáveis aulas de religião, Desenho, Matemática, Física e Química.

Quando os salesianos passaram a se ocupar do ensino superior foi ele – como não poderia deixar de ser – requisitado a ministrar aulas na área específica de sua especialização: antropologia e etnografia, cadeiras na qual igualmente colaborou com as Irmãs Salesianas, responsáveis pela Faculdade “Auxilium” de Lins.

Destacou-se, a partir de 1952, como requisitado, e logo renomado, conferencista, especialmente no campo da etnografia e antropologia, partilhando seus conhecimentos em nosso País (principais cidades de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Campinas, Niterói, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro) estendendo a sua atuação além das nossas fronteiras, ao aceitar convites para a Itália e a França.

O empreendedor: somente aqueles que com ele convivem conhecem o espírito irrequieto e destemido desse admirável salesiano. Inteligência privilegiada, atento ao presente, busca prever, com antecedência, o futuro. E assim fazendo, quer antecipar-se às coisas sempre e sempre pensando não na projeção pessoal, mas no conceito e projeção sempre crescentes da Congregação que o abriga. Infelizmente poucos entendem o alcance e a grandeza desse diligente salesiano que, conforme ele mesmo narra divertido, um superior disse que “como conselheiro

e catequista foi demonstrado que não tinha condições para exercer esses cargos e, muito menos, os de prefeito e diretor”.

Em que pese tal vaticínio é um empreendedor e, como tal, revolucionário criador tendo, com Pe. Félix, iniciado notável tarefa, ainda em Silvânia (Goiás) quando resolveram comprar três flechas karajá na Casa Allencastro. Nascia aí o agora famoso e mundialmente conhecido Museu Regional Dom Bosco ou, como hoje pretendem chamá-lo, Museu Dom Bosco, que, do modesto início naquela cidade goiana, foi trazido para Campo Grande onde, em 1952, foi acomodado numa sala – a última do lado esquerdo – do corredor de salas de aulas do Colégio Dom Bosco, daí partindo para um complexo – no mesmo corredor – que ocupava o espaço de seis salas e, posteriormente, para o local onde hoje está instalado.

Acostumado a enfrentar desafios alinhava o primeiro projeto de criação de uma escola superior dirigida pelos salesianos em Mato Grosso. A verba necessária ao sustento da empreitada conseguiu com a venda de jornais velhos. Frustrada a primeira tentativa, não desanima e já agora com maior respaldo de seus superiores, vê finalmente coroado de êxito o seu trabalho com o surgimento da Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras de Campo Grande, a primeira escola particular de ensino superior do Estado de Mato Grosso e pedra angular desta Universidade.

Atento às exigências do seu tempo, foi o responsável pela vinda, para Campo Grande, do curso de Idiomas Yázigi, que deveria funcionar anexo à Faculdade Dom Aquino.

Homem prático, preocupado menos com a teoria e aflito em oferecer aos seus irmãos capacitação que os tornasse mais aptos a lidar com as questões relativas às missões (ponto de extraordinário destaque dos salesianos em nossa terra) antevê, numa reunião de missionários, o momento oportuno para, conforme escreveu: “organizar algo sem fins políticos e lucrativos para preparar os missionários teológica e antropologicamente e orientá-los sobre agricultura, construção, criação de gado, etc.” Nascia então um organismo cujo nome, sugerido por Pe. Vicente, da Congregação do Verbo Divino, missionário participante desse encontro, foi Conselho Indigenista Missionário-CIMI.

Aclamado presidente, plantou os alicerces da obra e, após dois anos, entendendo que a entidade desviara-se de sua finalidade, renunciou. Com a franqueza que o caracteriza, registrou que havia renunciado em razão de achar que “a função do CIMI era preparar missionários e não defrontar-se com autoridades”.

O cientista, pesquisador e autor: Pe. Ângelo é figura amplamente conhecida nos meios científicos do mundo inteiro graças aos inúmeros artigos que tem publicado em revistas especializadas, brasileiras e estrangeiras.

Do notável acervo por ele produzido vamos pinçar apenas, a título de exemplo, as comunicações sobre “Fonêmica da língua bororo” apresentada ao 10º Congresso de Dialectologia e Etnografia, realizado em Porto Alegre no ano de 1958; e “Morte na tribo bororo” feita ao II International Congress of Thanatology and Suicide Prevention (Rio de Janeiro, 1987).

O coroamento do seu trabalho como cientista, pesquisador e autor acontece em 1962, quando vem a lume o primeiro volume da “Enciclopédia Bororo” escrita juntamente com Pe. César Albisetti, com quem havia começado o projeto em 1951. Ao primeiro, seguiram-se o segundo e o terceiro volumes, este último já sem a efetiva participação de Pe. César, que hoje habita a Casa do Senhor.

A pesquisa sobre o tema, após a publicação da Enciclopédia não foi interrompida. Pelo contrário, foi intensificada. E, em razão disso, são quase cinquenta anos que Pe. Ângelo se vê envolvido com tal projeto. Indagado uma vez, por um jornalista, se valia a pena ficar tanto tempo envolvido com uma obra, respondeu, bem a seu modo: “– Valeu sim. Cada um tem uma missão. Não vale a pena ficar 40 anos casado? Quanto mais trabalhamos mais nos envolvemos”. E assim prossegue nesse mister, conforme ele próprio diz, “até que Nosso Senhor me dê vida e energias.”

Diz o adágio popular que toda unanimidade é burra. Assim, Pe. Ângelo e Pe. César enfrentaram, durante a fase de elaboração da Enciclopédia, algumas críticas, inclusive na própria Congregação. A resposta não se fez esperar e foi dada pela comunidade científica internacional: o acatamento e o respeito com que foi tratada a obra serviu de extraordinária propaganda para o trabalho realizado pelos salesianos nesta Inspeção que abrange Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e o Oeste de São Paulo.

O Religioso: artista, professor, empreendedor, cientista, pesquisador e autor. Mais que isto, Ângelo Jayme Venturelli, dando seguimento à sua vocação, revela-se paciente, dedicado e delicado religioso, sempre obediente às determinações dos superiores. Assim, é chamado a exercer, sucessivamente, cargos de Diretor de Estudos em Ponta Porã (1940); Campo Grande (1945/46); Corumbá (1947) e Goiânia (1949). O êxito de seu trabalho pode ser medido, hoje, pelo afeto, carinho e admiração que lhe devotam aqueles que com ele conviveram, seja como professor, diretor de estudos ou sacerdote sempre presente entre os alunos, de maneira especial entre os internos do Colégio Dom Bosco aos quais, como zeloso e dedicado enfermeiro, atendia sempre com boa vontade e presteza.

Sempre solícito às requisições partidas de seus superiores, era um dos responsáveis, em Campo Grande, pela organização das grandes procissões onde

cuidava, desde a orientação do andor até a instalação e funcionamento do sistema de som, que, via de regra, era montado nas escadarias do Dom Bosco para o encerramento do ato religioso.

Não se furtava, por outro lado, em atender, nos finais de semana – como era tradição na época – as inúmeras confissões de alunos externos e internos.

A par de tantas atividades, encontrava ainda tempo para, eventualmente, atender à capelania do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e, algumas vezes, fazia a desobriga em capelas da periferia.

Seus sermões, breves, porém repletos de conteúdo e ensinamentos, deixaram lembranças entre aqueles que tiveram o privilégio de ouvi-los.

Fiel à filosofia de Dom Bosco, busca não fazer alarde daquilo que faz como religioso. Muitos homens que hoje ocupam lugar de destaque no seio de nossa sociedade devem a Pe. Ângelo aquele incentivo, aquela ajuda, aquele empurrão que, afinal, revelaram-se decisivos para a sua realização como ser humano. Disso ele não fala. Quando ouve referências diz não lembrar-se do acontecido, porém foram não poucos aqueles a quem ele, no exercício da verdadeira caridade cristã, ajudou e que hoje ocupam variados postos de relevo, seja como empresários bem sucedidos, respeitados profissionais liberais ou conceituados integrantes dos mais altos escalões governamentais. Para ilustrar até que ponto chegava tal ajuda, permito-me tão-só relembrar fato que conheço: rapaz pobre, que o auxiliava, com seu trabalho, conclui um curso de nível médio. Aproxima-se a data da festa de colação de grau. E o padre que tantos achavam duro e sisudo, indaga do moço se já tem tudo pronto para a festa, ouvindo como resposta que lhe faltava somente um par de sapatos. Meia hora se passa – Pe. Ângelo já havia sumido, requisitado por outros afazeres – e chega ao local em que o jovem trabalhava o dono de uma das maiores casas vendedoras de calçados finos da cidade, sobraçando várias caixas de sapatos e mandando que ele, por determinação do padre, escolhesse um par, como presente de formatura.

E é esse coração enorme que Pe. Ângelo busca esconder atrás de sua aparente sisudez. E, como essa, tantas outras passagens existem a atestar sua bondade e seu verdadeiro espírito cristão.

Espírito cristão notável que, há várias décadas, desenvolve com zelo, pontualidade e dedicação, reconhecido trabalho apostólico no atendimento da Capelania da Santa Casa em cuja Capela externa consegue, aos domingos, na celebração da Santa Missa, manter um público que lhe é fiel já há algum tempo e que não cessa de agradecer a Deus a graça de poder, a cada final de semana, receber os ensinamentos que lhes tornará menos pesado o fardo a ser carregado na jornada que se renova.

Dizem que qualquer decisão partida de órgão colegiado reclama, para ser legítima, o apoio da comunidade. Se verdadeira a afirmação, temos que a concessão, ao Pe. Ângelo Jayme Venturelli, do título de “Doutor Honoris Causa”, em boa, feliz e inspirada hora feita pela Universidade Católica Dom Bosco, está mais do que legitimada, eis que conta com o apoio e o aplauso de quantos, conhecendo o homenageado, de há muito, seja em razão de seus dotes intelectuais ou de suas qualidades como religioso, já lhe outorgaram o título de Doutor: doutor da dedicação, doutor da cortesia, doutor da amizade.

Doutor que, agraciado pela Sociedade Geográfica de São Paulo com a Medalha Marechal Rondon, já foi igualmente lembrado pelo governo brasileiro que lhe concedeu a Medalha do Mérito Indigenista, no setor de ciências e que mereceu, do governo italiano, a Cruz da Solidariedade Italiana, no grau de Cavaleiro.

Padre Ângelo, membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, é nosso concidadão, eis que, no ano de 1994, a Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul concedeu-lhe o título de cidadão sul-mato-grossense.

Esse, em breves e pobres palavras, é o novo “Doutor Honoris Causa” a quem saudamos não sem nos desculpamos por haver ferido sua modéstia, relatando alguns episódios que ornamentam sua vida. Desculpe-me, então, Pe. Ângelo por, de certa forma, invadir sua privacidade. Ao me permitir tal ousadia, lembrei-me da lição de Michel Quoist de que o padre precisa “de quando em vez, que seus irmãos cristãos lhe demonstrem que ele não deu a vida em vão”, isto porque, “como ele fica sendo sempre um homem, pode ser que precise, vez por outra, de um gesto dedicado de amizade desinteressada...”; e é precisamente isso que neste momento busco, em nome de todos, oferecer a Vossa Reverendíssima. Um gesto de carinho da amizade desinteressada dos seus verdadeiros amigos, dentre os quais busco destacar alguns que, se entre nós estivessem, por certo aqui se fariam presentes para engrossar os aplausos que lhe são merecidamente dedicados: Dom Antônio, Pe. Félix, Pe. César, Pe. Czapla, Pe. Bruno Mariano, Pe. Cometti, Tiago Marques Aipoburéu, Dr. Desidério, Professor Rocca, Mestre Salvador Porto e tantos outros que, nesta hora, tenho certeza, do lugar que Deus lhes reservou e que tanto fizeram por merecer, estão, juntamente com seus saudosos e queridos genitores, Ângelo e Olímpia, lhe aplaudindo e agradecendo à Universidade Católica Dom Bosco pela feliz lembrança.

Receba, Padre Doutor Ângelo Jayme Venturelli a reverência e admiração dedicada àqueles cuja vida assemelha-se a um caudaloso rio que, ignorando os seixos que se encontram à sua margem, vai, tranqüila e placidamente, cumprindo sua natural destinação buscando alcançar o mar. E quantos desses seixos Vossa Reverendíssima teve que ignorar: o seixo dos pequenos, que incapazes de criar ou

realizar, criticam pelo simples prazer de criticar; o seixo da incompreensão; o seixo da falta de apoio; o seixo da indiferença; o seixo da intriga que, adubado pelos invejosos, prospera com a rapidez da tiririca. No entanto, sua força interior, que se assemelha à força do rio, a tudo superou e – mais importante – a todos perdoou e hoje, engrandecido, vê traduzir-se, nesta solenidade, o reconhecimento cabal àquele que afrontando obstáculos, acreditou na sua Congregação, nos sábios ensinamentos de Dom Bosco, seu Santo fundador e confiante, sempre, na proteção maternal de Maria, realizou um trabalho que, enorme e abrangente, não se resumiu a uma única obra, mas, isto sim, traduziu-se numa grande lição de vida e doação a um ideal.

Seja feliz, Padre Doutor Ângelo Jayme Venturelli!

Dados para o necrológico

Pe. Ângelo Jayme Venturelli – SDB

☆ San Remo/SV – Itália: 24.2.1916

✠ Campo Grande/MS – Brasil: 19.5.2006

Aos 90 anos de idade

62 anos de sacerdócio

71 anos de profissão religiosa.

35B037

+ 19.05.2006

